

O HOMEM MALDITO

ROMANCE BRASILEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE FURG

Reitor

DANILO GIROLDO

Vice-Reitor

RENATO DURO DIAS

Chefe de Gabinete do Reitor

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

DIEGO D'ÁVILA DA ROSA

Pró-Reitor de Infraestrutura

RAFAEL GONZALES ROCHA

Pró-Reitora de Graduação

SIBELE DA ROCHA MARTINS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

CAMILA ESTIMA DE OLIVEIRA SOUTO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação

DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

EDITORA DA FURG

Coordenadora

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares

ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO

ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

EDUARDO RESENDE SECCHI

ELIANA BADIALE FURLONG

LEANDRO BUGONI

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG

Campus Carreiros

CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil

editora@furg.br

Integrante do PIDL

Editora Associada à



Carlos Eugênio Fontana
Autor

Artur Emilio Alarcon Vaz e Sheila Fernandez Garcia
Organizadores da reedição

O HOMEM MALDITO

ROMANCE BRASILEIRO



Rio Grande

2024

© Artur Emilio Alarcon Vaz; Sheila Fernandez Garcia

2024

Capa: Simone Xavier Moreira

“Capa elaborada a partir de capa do jornal *Echo do Sul* (1857), de Jaguarão, e ilustração da ponte que liga a cidade brasileira de Jaguarão à cidade uruguaia de Rio Branco”

Diagramação da capa: Murilo Borges

Formatação e diagramação: Gilmar Meggiato Torchelsen

Revisão linguística: Emilly Silva da Matta

Ficha catalográfica

F679h Fontana, Carlos Eugênio.

O homem maldito: romance brasileiro [Recurso Eletrônico] / Carlos Eugênio Fontana; Organizadores da reedição Artur Emilio Alarcon Vaz, Sheila Fernandez Garcia. – Rio Grande, RS : Ed. da FURG, 2024.
143 p. : il.

Modo de acesso: <http://repositório.furg.br>
ISBN 978-65-5754-212-5 (eletrônico)

1. Literatura Sul-Rio-Grandense 2. Ficção 3. Romance I. Vaz, Artur Emilio Alarcon II. Garcia, Sheila Fernandez III. Título.

CDU 821.134.3(816.5)-31

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos – CRB10/2344

Sumário

<i>O homem maldito</i> : um dos primeiros romances sul-rio-grandenses	VI
Crítérios de revisão e atualização ortográfica	22
Capa original de <i>O homem maldito</i>	24
Capítulo I – A esperança perdida	25
Capítulo II – A declaração	32
Capítulo III – A maldição	40
Capítulo IV – <i>Soirée</i>	48
Capítulo V – A aparição	57
Capítulo VI – Trama Infernal	63
Capítulo VII – A despedida	73
Capítulo VIII – A traição	83
Capítulo IX – A vingança	89
Capítulo X – Dez anos depois	104
Capítulo XI – Últimas tentativas	117
Capítulo XII – A justiça do Céu	124
Capítulo XIII – Ainda a justiça do Céu	136
Imagens	140
Referências	142

O homem maldito: um dos primeiros romances sul-rio-grandenses

Artur Emilio Alarcon Vaz

Sheila Fernandez Garcia

O projeto de pesquisa “Dicionário de autores de Rio Grande no século XIX”¹, desenvolvido no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande, objetiva responder alguns questionamentos sobre a formação e o amadurecimento da literatura praticada na cidade de Rio Grande ao longo do século XIX, já que havia muitos estudos sobre o período romântico sul-rio-grandense, mas pouco se conhecia e se divulgava – de forma organizada e confiável – os dados sobre a literatura lida e escrita na primeira metade do século XIX. Nessa medida, a pesquisa visa inclusive a reprodução de tais obras, que estão em geral com acesso restrito a pesquisadores em bibliotecas que preservam os poucos exemplares originais. Nesse sentido, já houve a nova edição de três novelas de Carlos de Koseritz (IEL, 2017) e, nesse momento, do romance aqui incluído.

¹ Parte dos resultados parciais dessa pesquisa encontra-se em www.fontes.furg.br.

Um dos resultados obtidos dessa pesquisa foi a localização do romance *O homem maldito* (1858), de Carlos Eugênio Fontana, com o subtítulo de “Romance brasileiro”, para marcar a nacionalidade de seu autor e a ambientação local do romance, em oposição à grande maioria dos romances estrangeiros publicados até então ou mesmo dos romances de autores brasileiros que eram ambientados em países europeus.

Publicado pela Tipografia do jornal *Eco do Sul*, na cidade de Rio Grande, é considerado – pelos dados obtidos até o presente momento – o primeiro romance de um autor gaúcho publicado na cidade rio-grandina, tornando Carlos Eugênio Fontana como um dos pioneiros da produção em prosa de ficção no Rio Grande do Sul. Antes de *O homem maldito*, publicado em 1858, sabe-se apenas dos romances *Divina pastora* (1847, reeditado em 1992) e *Corsário* (1851, reeditado em 1979), ambos de Caldre e Fião, e do romance *Um defunto ressuscitado* (1856, reeditado em 1974), de Carlos Jansen. A obra de Fontana faz parte do processo inicial da construção do sistema literário gaúcho e, por isso, o seu resgate e a republicação concretizada nesse volume ajudam a qualificar um estudo mais completo e aprofundado da história da literatura do Rio Grande do Sul.

O único exemplar conhecido do romance de Fontana encontra-se no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (Rio

Grande, RS) e possui uma peculiar anotação de algum leitor – provavelmente do século XIX pelo estilo da grafia – que aproxima autor e protagonista ao escrever um breve comentário na página 47: “Nunca me constou que em Jaguarão tivesse romancista nenhum chamado Carlos a não ser o meu amigo Fontana. Por isso tenho deduzido disto o seguinte: o autor é o protagonista da obra”.

Segundo Sacramento Blake (1970, v. 2, p. 64), Guilhermino Cesar (1971, p. 310), Pedro Villa-Bôas (1974, p. 196) e Ari Martins (1978, p. 224), Carlos Eugênio Fontana nasceu na cidade de Pelotas (RS), em 4 de novembro de 1830. Filho de Lourenço Fontana e Maria Inácia de Britto, aos cinco anos de idade, teve que se refugiar com sua família no Rio da Prata, por causa da Revolução Farroupilha (1835-1845). Segundo Blake, desenvolveu parte de seus estudos na cidade de Buenos Aires (Argentina) e voltou para o Brasil em 1853. Seus primeiros ensaios foram publicados em revistas de Montevideu, sob o pseudônimo de Anna Rosa Flecont, anagrama de seu nome (BLAKE, 1970, v. 2, p. 64). Por muitos momentos, ao longo de sua carreira de escritor, continuou se utilizando do recurso do anonimato, dificultando assim a reunião de sua obra.

Ainda segundo dados de Ari Martins, foi um jornalista engajado em causas políticas, sociais e preocupado com o desenvolvimento da arte literária. Em 1853, fundou, na cidade

fronteiriça de Rio Branco, *El Comercio del Litoral*, primeiro periódico da região, escrito em espanhol e português, mas que não durou muito tempo, por falta de recursos.

Em 1854, trabalhou como funcionário da Mesa de Rendas, de Rio Grande e, em 1857, assumiu, em Jaguarão (RS), a redação do *Imparcial*. No ano seguinte, retornou para Rio Grande, onde trabalhou na redação do *Eco do Sul*, publicando seu romance *O homem maldito*, em 1858 (MARTINS, 1978, p. 224). Além disso, colaborou para outros periódicos, como o *Diário do Rio Grande* e *O Artista*, e para a revista *Arcádia*, na qual publicou, em 1867, *Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande desde seu descobrimento e fundação até a contemporaneidade de sua escrita* (CESAR, 1971, p. 310).

Ainda na revista *Arcádia*, publicou, em maio de 1868, sua novela *Cenas da vida*. Foi membro da *Revista Mensal Partenon Literário*, por onde publicou – novamente de forma incompleta – *Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande desde o seu descobrimento e fundação até a presente data*, entre 1874 (nº 6, 8, 9 e 12) e 1875 (nº 5 e 10). Também serviu, por seis anos, no cargo de guarda-mor. Em 1882, seu nome consta numa lista de jurados, divulgada na edição de 6 de setembro do *Eco do Sul*. Em 1883, publicou vários artigos sobre o progresso da cidade do Rio Grande no jornal *Eco Lusitano* (1º dez. 1883, p.

4). Os exemplares desses dois periódicos também constam do acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Casado com Ana Júlia Fontana², teve cinco filhos: Carlos Eugênio Fontana Filho, Amílcar Eugênio Fontana³, Hercília Júlia Fontana, Virgínia Angélica Fontana e Hector Henrique Fontana. Teve, pelo menos, um neto, filho de seu primogênito Carlos Eugênio Fontana com Rosa Pires de Bittencourt⁴, o qual nasceu em 05 de dezembro de 1886 e recebeu o mesmo nome do avô e do pai, Carlos Fontana. Em 10 de agosto de 1896, às 21h, em Rio Grande, faleceu de “periencefalite difusa”, conforme certidão de óbito.

Sinteticamente, o romance *O homem maldito* conta a história do capitão Fabiani e seus dois filhos: Carlos e Heloísa. Enquanto Carlos é descrito como um rapaz moreno de estatura regular, Heloísa é descrita como uma moça formosa de cabelos pretos e rosto angelical, que teve sua vida desgraçada por José Luiz, homem sedutor, sem escrúpulos, calculista e assassino. Ao saber que a filha tinha perdido – na linguagem do romance – “a inocência”, Fabiani morre de

² Estes dados sobre a família de Carlos Eugênio Fontana foram coletados através da leitura do seu inventário, cujo documento pode ser encontrado no Arquivo Público do Rio Grande do Sul. Autos nº 272; Maço nº 7; Estante nº 19. Rio Grande - 2º Cartório do cível.

³ Amílcar Fontana tornou-se um fotógrafo conhecido, tendo publicado inclusive o livro *Rio Grande do Sul – Revista Ilustrada* (1912), “a mais importante coletânea fotográfica de paisagens já publicada em Rio Grande” (TORRES, 2019, p. 8).

⁴ Já com nome de casada, a professora Rosa Bittencourt Fontana (1866-1934) publicou *O poder da vontade* em 1897 (VILLA-BÔAS, 1991, p. 94).

desgosto, depois de fazer o filho Carlos prometer que iria vingar a honra da família.

Um ano após a morte do pai, Carlos vai à festa de aniversário de Sophia, dança com sua amada e declara seu amor, descobrindo que é também amado, porém sua felicidade dura pouco, pois nessa mesma noite descobre que Sophia foi prometida em casamento a José Luiz, o mesmo que havia desgraçado a vida da irmã Heloísa. Carlos decide então ir à casa de José Luiz para lhe dar um ultimato: ou casaria com sua irmã Heloísa ou morreria. A princípio, José Luiz prefere a morte, mas acaba jurando falsamente que irá casar-se com Heloísa após oito dias, tempo de planejar eliminar seu próprio filho recém-nascido, Heloísa e Carlos. No dia do casamento, três homens, a mando de José Luiz, matam Heloísa e seu bebê e acreditam ter matado Carlos.

Dias depois, no casamento de José Luiz com Sophia, Carlos reaparece, detalha os crimes de José Luiz na frente de todos os convidados e entrega-lhe o cadáver do recém-nascido. Desmascarado, José Luiz luta com Carlos e sai vencedor, embora não consiga realizar seu casamento.

Em 1855, dez anos depois da morte de Carlos, José Luiz, satisfeito e tranquilo no apogeu de sua glória e esquecido de seus crimes, parecia um homem com consciência limpa e sem remorsos, vivendo uma vida feliz

com sua nova família e usufruindo de um emprego público, obtido graças a falsas denúncias.

Surgem então alguns dados históricos no romance, como a elevação da Vila do Espírito Santo de Jaguarão à categoria de cidade, solicitada pelo então Manuel Pereira da Silva Ubatuba (1822-1875) à assembleia provincial, assim como o lançamento, em sete de setembro de 1855, do primeiro número do *Jaguareense*, primeiro jornal da cidade. Também faz parte da narrativa a epidemia de cólera, que matou centenas de pessoas na cidade naquele ano do século XIX.

Esses dados históricos são intercalados com os personagens José Luiz, que – ameaçado por denúncias de desvios de dinheiro público – manda matar o redator do *Jaguareense*, e Sophia, que solitária morre de cólera. José Luiz, ao ver seu plano frustrado, decide processar o redator do jornal, agora já com o nome de *Eco do Sul*, que acaba preso por nove meses, sendo julgado e absolvido em primeiro de abril de 1857, apesar de dez dos doze jurados serem cúmplices de José Luiz. A narrativa termina mostrando um incêndio – no dia sete de setembro de 1858 – na casa de José Luiz, que causa a morte de outro filho, e, por consequência, a loucura e o remorso em José Luiz.

Pode-se perceber neste resumo da obra que o romance tem quatro personagens principais: Carlos, Heloísa,

José Luiz e Sophia, os quais se apresentam – nos termos de E. M. Forster (2005) – de formas planas e, portanto, unidimensionais, podendo ser definidos em uma ou duas frases. Nesta obra, as referidas personagens são apresentadas física e emocionalmente no início da história, mantendo-se igual até o fim do enredo.

No capítulo inicial, o leitor já pode perceber que Carlos será o “mocinho” da história e é assim que ele termina, agonizando na hora da morte, mas feliz por ter vingado sua família e salvado a pobre Sophia das mãos de José Luiz. A personagem, dessa forma, não impressiona, nem causa surpresa ao leitor, sendo totalmente previsível, e assim acontece com todas as outras personagens da obra de Carlos Eugênio Fontana.

Esses quatro personagens principais encontram-se todos na vertente ficcional: a história de amor entre Carlos e Sophia, que não pode ser concretizada devido à ambição de José Luiz e por este ter engravidado a irmã de Carlos. Outra vertente apresenta fatos históricos, como o surgimento da imprensa em Jaguarão, os boicotes políticos e o surto de cólera. Em paralelo aos fatos históricos, fica evidente que diversos locais da cidade mencionados eram reais, como a Praça da Matriz (p. 4), a Rua do Triunfo (p.24), a Rua do Comércio (p. 32, 41 e 92), a Rua Boa Vista (p. 41), a Rua Nova (p. 81) e a Rua Direta (p. 88).

Apesar de o espaço ser evidentemente o pampa gaúcho, não há referências a marcas típicas da região, como o “churrasco e o “chimarrão”, ou mesmo ao termo “gaúcho” (e sim “rio-grandense”). Flávio Loureiro Chaves, no texto de introdução da segunda edição d’*A divina pastora*, já havia apontado que Caldre e Fião introduz “pela primeira vez” (CHAVES, 1992, p. 14) os dois primeiros termos e que o termo “rio-grandense” também é usado por Caldre e Fião.

Esses dados são influenciados pela presença de um tempo bastante datado e linear, pois – embora não há a definição no ano na primeira página – há outras diversas datas ao longo do romance: 7 de setembro de 1855 (p. 77), quando surge a imprensa com o jornal *O Jaguareense*; 21 de novembro de 1855 (p. 80), dia em que a cólera mata mais de cem pessoas na cidade; 1º de abril de 1857 (p. 86), dia do julgamento do proprietário do *Eco do Sul*; entre outros. Assim pode-se dizer que o tempo da obra é cronológico, pois os dois primeiros capítulos passam-se em oito dias, o terceiro passa em um ano, o quarto num dia, o quinto oito dias e o sexto (epílogo) após dez anos.

O narrador, onisciente em terceira pessoa, julga constantemente, colocando suas opiniões e mostrando que lado apoia; um exemplo disso é a maneira como descreve as personagens, dando ao leitor a revelação de quais são os personagens de sua preferência. Note a maneira como ele

descreve o capitão Fabiani e Heloísa, ‘vítimas’ de José Luiz: “Numa casinha perto da Praça da Matriz, via-se um velho cuja cabeça estava coberta de cabelos tão brancos como a neve... perto dele estava sua filha, bela como o primeiro raio de Sol de primavera, formosa como um espírito celeste...” (p. 4). Essa colocação do narrador em relação aos referidos personagens transmite a impressão de pessoas bondosas, um senhor de idade avançada e sua bela filha, a qual em seu próprio corpo físico lembra a superioridade de um espírito divino. Já José Luiz é descrito como um homem sem escrúpulos, falso e frio: “José Luiz, no apogeu de sua glória, tinha se esquecido inteiramente de seu último crime, e satisfeito e tranquilo, parecia um homem de consciência sã, que não tem remorsos que devorem o coração” (p. 75).

Nesse parágrafo, percebe-se claramente a opinião do narrador em relação ao caráter e à personalidade de José Luiz. Esse narrador onisciente abre espaço para a voz dos personagens, mostrando o tempo presente da ação. Quase ao final da obra, é narrado um acontecimento trazendo o fato para o presente, e para fortalecer no leitor o tempo exato da ação, o narrador dá voz aos personagens: “Neste momento, chegaram à casa de José Luiz, de onde saía um negro carregado de foguetes; José Luiz ao avistá-lo bradou com força: – Maldito! Onde vás? – Vou para a câmara que manda o Sr. Rosa...” (p. 98). Percebe-se que, no primeiro momento,

o narrador onisciente está em terceira pessoa e, em seguida, dá vida aos personagens para ratificar no leitor a impressão de momentaneidade temporal.

A obra apresenta características românticas, como a valorização da natureza, em que a paisagem é tecida de acordo com as emoções das personagens:

O céu negro e fechado parecia ameaçar a terra com os horrores de uma próxima tempestade.
Numa casinha perto da Praça da Matriz, via-se um velho cuja cabeça estava coberta de cabelos tão brancos como a neve, e cujo rosto indicava estar macilento pelo desgosto e o passar (FONTANA, 1885, p. 4).

Note como o narrador, antes de explicitar o estado emocional das personagens, cria um cenário natural que, logo em seguida, vem ao encontro do real estado em que as personagens estão, já que tempestades lembram turbulência e medo, enquanto o barulho dos relâmpagos lembra tiros de guerra. No exemplo citado, através da descrição da natureza, o narrador antecipa ao leitor a situação tensa que os personagens irão passar.

A idealização da mulher e a descrição minuciosa dos fatos também deixam evidenciadas as características românticas da obra:

Sua filha, bela como o primeiro raio de Sol de primavera, formosa como um espírito celeste. Seus cabelos tão pretos como o ébano davam um lindo realce a seu rosto tão alvo como o alabastro; seus

olhos eram encantadores, e seus lábios de carmim se assemelhavam a uma Vênus (FONTANA, 1885, p. 4).

Nessa citação, o narrador idealiza a mulher, como é próprio do Romantismo, comparando-a com a beleza da natureza e a perfeição divina. Além dessas características, percebe-se igualmente o egocentrismo explicitado na figura de José Luiz e o Teocentrismo, como no trecho abaixo:

A tempestade tinha-se desenvolvido com todas as suas forças; os relâmpagos davam momentaneamente às trevas a luz do dia; os trovões... Pareciam o soar da trombeta do anjo exterminador anunciando aos homens a hora final.

Qual será o homem que, a vista d'um espetáculo tão terrível e sublime, não pense na grandeza e poder do Criador?

Tens razão, minha filha; o Ser Supremo não abandona seus filhos. (FONTANA, 1885, p. 5).

Deus é mostrado, nesse último trecho, como o centro de tudo o que acontece na vida das pessoas, pois só Ele pode livrá-los dessa terrível tempestade, da guerra, das maldades. O homem não tem domínio sobre sua vida e o divino é o responsável pelo que acontece de positivo e negativo.

Com base nas análises, percebe-se que *O homem maldito* é um romance histórico dentro dos moldes românticos, como era comum nesse período, estando adequado ao padrão literário nacional da época, tanto em relação à estrutura quanto a temática abordada.

O romance **Iracema**, de José de Alencar, é um exemplo de como a mulher é idealizada, já que o autor descreve Iracema como síntese perfeita das maravilhas da natureza. Iracema é muito mais do que uma mulher, não anda, flutua. A heroína é o próprio espírito harmonioso da floresta virgem. Note, no trecho a seguir, do romance *Iracema*, como José de Alencar, não diferentemente de Carlos Eugênio Fontana, compara a mulher à natureza e como a mesma também é usada para descrever a personalidade da personagem.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como o seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado (ALENCAR, 1997, p. 10).

Não só por essa citação da obra de José de Alencar, mas pelos diversos outros romances românticos brasileiros, pode-se perceber que o romance rio-grandino *O homem maldito* seguia as características dos romances publicados na época.

Também se percebe o alinhamento de Fontana aos moldes românticos ao comparar essa obra gaúcha com o romance **Escrava Isaura**, de Bernardo Guimarães, pois este também traz a temática do amor impossível (o amor entre Álvaro e Isaura impedido pelo vilão Leôncio), assim como o

narrador em terceira pessoa onisciente e o predomínio de um tempo cronológico.

Outro tema abordado no romance em análise que é comum a outros romances escritos na época é a virgindade feminina. Fontana, através da personagem Heloísa, explicita ao leitor o fim trágico que uma moça tem ao desfrutar da carne antes do casamento e essa mesma característica pode ser percebida no romance **Lucíola**, de José de Alencar, em que a protagonista também acaba morrendo com seu filho ao final da história.

Além desses, poderíamos citar diversos outros autores e obras que comprovam a adequação do romance analisado aos moldes literários nacional da época, como Joaquim de Macedo na obra **A Moreninha**, Oliveira Belo na obra **Os Farrapos**, entre outros. Isso comprova que o município de Rio Grande tinha uma produção literária condizente para os padrões do período não só em relação ao estado, como dos centros culturais do país.

Dessa forma, poder reeditar e divulgar esse romance, depois de mais de 150 anos de sua publicação original, é uma oportunidade única de promover a cultura de um autor local, e importante para entender o início da prosa sul-rio-grandense.

Referências

- ALENCAR, José de. *Iracema*. Porto Alegre: LP&M, 1997.
- BAUGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1982.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221681>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- CHAVES, Flávio Loureiro. Um texto resgatado. In: FIÃO, José Antônio do Vale Caldre e. *A divina pastora*. Porto Alegre: L&PM, 1992, p. 9-17.
- FONTANA, Carlos Eugênio. *O homem maldito*. Romance brasileiro. Rio Grande: Tip. do *Eco do Sul*, 1858.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. São Paulo: Globo, 2005.
- GARCIA, Sheila Fernández. *O homem maldito*, o início do romance sul-rio-grandense. *Mafuá*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 13, 2010. Disponível em <https://mafua.ufsc.br/2010/o-homem-maldito-o-inicio-do-romance-sul-rio-grandense/>. Acesso em 14 fev. 2023.
- GARCIA, Sheila Fernandez. *O homem maldito, de Carlos Eugênio Fontana: o início do romance sul-riograndense*. 2012. 120 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado em História da Literatura. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/6506>. Acesso em 14 fev. 2023.
- GUIMARÃES, Bernardo. *Escrava Isaura*. São Paulo: Martin Claret, 1998.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: Um Estudo sobre a História de Pelotas*. (1860-1890). Pelotas: Ed. UFPel, 1993.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1982.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Santa Maria: Palloti, 1981.

VILLA-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografias sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; IEL, 1974.

VILLA-BÔAS, Pedro. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: EST, 1991.

TORRES, Luiz Henrique. *Fontana e o Álbum Ilustrado*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2019.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

CRITÉRIOS DE REVISÃO E ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

Na presente transcrição, feita a partir do único volume conhecido, pertencente à Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande-RS), buscamos manter o texto original da forma mais fidedigna possível.

Atualizamos a ortografia, obedecendo ao novo acordo ortográfico e corrigimos os erros tipográficos mais evidentes, assim como os desvios linguísticos existentes – como “os habitantes pacíficos e tímidos fugiu”, que corrigimos para “Os habitantes [...] fugiram” – e nos casos de vírgulas separando sujeito e predicado. Da mesma forma, a pontuação – assim como travessões e reticências – foram adaptadas ao padrão atual. Da mesma forma, atualizamos os usos de ênclise, próclise e mesóclise da primeira edição. Os nomes próprios foram mantidos: Sophia, José Luiz, Heloísa e capitão Fabiani. A exceção foi o periódico *Echo do Sul*, atualizado para *Eco do Sul*.

Unificamos o uso do itálico para os estrangeirismos (*temple*, *soirée*, *ouverture*, *grisâtres*, *pluribus unus*, *castelhanito* e o poema em espanhol referido), os títulos de periódicos (*Eco do Sul*, *Jaguareense* e *Diário do Rio Grande*) e as obras (*Irmã do Cego*). O uso do negrito foi restrito aos títulos dos capítulos. Unificamos o uso de maiúsculas para as

divindades (Deus, Senhor, Ser Supremo, Grande Arquiteto, Onipotente, Padre Eterno, Criador, Rei do Universo, Deusa e Medusa) e para os logradouros locais (Praça da Matriz, Rua do Triunfo, Rua do Comércio, Rua Boa Vista, Rua Nova, Rua Direta, Rua das Trincheiras, Vila de Jaguarão e Vila Artigas), apresentadas ora com minúsculas, ora com maiúsculas no original. Usamos sempre a abreviatura “Sr.” antes de nomes próprios (usado na edição original de forma alternada) e “senhor” por extenso nos demais casos. Unificamos também o uso de maiúsculas após reticências, pontos finais, de interrogação e exclamação.

No final do capítulo III, por questões estéticas, mantivemos as minúsculas após as reticências. Igualmente, a repetição em “etc. etc.” (no capítulo XII) foi mantida, por considerar que o pleonasma foi uma intenção do autor.

Cabe alertar a variação constante do uso de tu e vós, por vezes na mesma frase. Por caracterizar como era o uso da época e por resultar em diversas mudanças textuais, mantivemos como estava, respeitando o original neste ponto.

Incluímos somente uma nota de rodapé, traduzindo um poema incluído originalmente em espanhol. Julgamos que as demais palavras pouco conhecidas atualmente serão encontradas em dicionários físicos ou virtuais.

Uma copia digitalizada do original está disponível no *site* www.fontes.furg.br.

O HOMEM MALDITO.

ROMANCE BRASILEIRO

POR

CARLOS EUGENIO FONTANA.



RIO GRANDE

IMP. DO ECHO DO SUL,



Capítulo I

A esperança perdida

Corria o ano de 184... Era em fins de julho; as campinas vizinhas à Vila de Jaguarão estavam despidas de suas galas; as flores tinham perdido o matiz de suas cores, as árvores sem folhas mostravam seu esqueleto como espectros saídos do sepulcro para anunciar o dia da vingança aos homens.

O céu coberto de imensas nuvens elétricas, circundadas de preto, que pesavam sobre a atmosfera, não deixando resplandecer o rei dos astros, que por entre elas lançava uma débil luz, semelhante ao postimeiro ai! da agonia, não podia dar vida à natureza moribunda, porque logo uma densa e negra nuvem ocultava-o, impelida pelos ventos furiosos.

Chegou a noite. O céu negro e fechado parecia ameaçar a terra com os horrores de uma próxima tempestade.

Numa casinha perto da Praça da Matriz, via-se um velho, cuja cabeça estava coberta de cabelos tão brancos como a neve e cujo rosto indicava estar macilento pelo desgosto e o passar; perto dele estava sua filha, bela como o primeiro raio do Sol de primavera, formosa como um espírito celeste. Seus cabelos tão pretos como o ébano davam um lindo realce a seu rosto tão alvo como o alabastro; seus olhos eram encantadores e seus lábios de carmim semelhavam a

uma Vênus; mas neste rosto angélico notava-se uma melancolia que ainda o tornava mais belo.

O ancião sentado numa cadeira perto de um fogareiro, onde ardia um fogo vivo, tinha em sua mão um jornal, do qual lia com atenção alguns tópicos. A moça sentada do outro lado da mesa bordava à luz opaca de uma vela. O ancião era o capitão Fabiani, que lia uma correspondência no *Diário do Rio Grande*, e a moça era sua filha Heloísa, que bordava um gorro para seu pai.

O estrondo de um tiro disparado na canhoneira, estacionada nas águas do Jaguarão, anunciou aos habitantes dos contornos que eram oito horas; no rosto do ancião pintava-se a impaciência e o temor; e não se afastava de sua meditação, que parecia profunda e solene, senão para fixar suas vistas indagadoras sobre a filha, para ver se em sua face lia-se uma expressão de desassossego; mas ela com a vista fixa no seu bordado iludia a perspicácia do pai, ocultando-lhe o que se passava no seu coração e uma lágrima que, de quando em quando, caía de seus olhos, rolando pelas suas faces, ia ocultar-se num seio sempre palpitante.

A tempestade tinha se desenvolvido com todas as suas forças; os relâmpagos davam momentaneamente às trevas a luz do dia; os trovões que longínquos ribombavam pareciam o soar de trombeta do anjo exterminador anunciando aos homens a hora final.

Qual será o homem que, a vista de um espetáculo tão terrível e sublime, não pense na grandeza e poder do Criador? Que alma haverá, por mais carregada de crimes que esteja, que deixe de compreender a debilidade da natureza humana em frente a um oceano de fogo, do qual a mais pequena faísca pode reduzir a nada. O próprio ateu inclinar-se-á reconhecendo a existência de Deus.

O ancião, que até então guardava um profundo silêncio, levantou-se. A sua distração e perturbação fazia mais visível a sua inquietação. Depois de dar alguns passos pela sala, deteve-se em frente de sua filha e, com os braços cruzados, considerou-a em silêncio.

– Heloísa!..., disse-lhe, Carlos não aparece, ter-lhe-á acontecido alguma coisa?

– Não, meu pai, Deus nosso Senhor não permitirá.

– Tens razão, minha filha, o Ser Supremo não abandona seus filhos. Mas o estado atual de Jaguarão me faz temer; hoje, nesta malfadada vila, a vida, os interesses e as garantias de todos os seus habitantes estão à disposição de três ou quatro entes miseráveis, que revestidos com o manto do poder, dispõem da existência de qualquer cidadão pacífico, somente por não querer este ligar-se a suas tramas e maquinações infernais; sim, minha filha, é preciso partir deste torrão e procurar um asilo em qualquer outra parte, onde impere a lei e o povo goze com amplidão seus direitos.

– Meu pai, talvez esta situação termine e então desponte uma nova era para Jaguarão.

– Não, minha filha, essa nova era raiará para Jaguarão, mas não tão cedo; muitas vítimas têm de ser ainda sacrificadas; o punhal e o bacamarte têm de dominar ainda; é preciso decepar muitas cabeças para saciar o instinto feroz desses tigres que nos dominam. Oh! Minha filha, quando pensei que a liberdade erguesse seu trono nas Campinas do Sul, foi que o férreo grilhão da tirania nos veio prender! Quando pensei que tinha selado com meu sangue o liberalismo, eis que assoma sua rude cabeça o despotismo! Oh, meu Deus! Meu Deus!

– Meu pai, tranquilizai-vos, não temais nada.

– Minha Heloísa, estou tranquilo, mas temo; conheço o gênio liberal de Carlos; tenho presente ainda a cena terrível que terminou a existência do infeliz Estrela; sim, parece-me ver ainda o cadáver do desgraçado banhado em sangue... Parece-me ver seus ferozes assassinos risonhos e contentes por ter consumado a obra, trocarem-se vistas de inteligência com seus mandatários... Oh! Isto é horrível... E esses assassinos passeiam ainda em nossa vila e as autoridades consentem?!... Mas que digo... Insensato... Louco... Que esperava justiça desses tigres sedentos de sangue...

Um forte golpe dado na porta da rua interrompeu o velho.

– É Carlos, meu pai, disse Heloísa e correu para abrir a porta. Carlos entrou embuçado no seu capote.

– A graça de Deus esteja nesta casa.

– Carlos, que dizem esses miseráveis, deixaram de me perseguir?

– Meu pai, é preciso fugir! A infâmia chegou ao seu zênite; em Jaguarão não se aspira mais que o ar pestífero da calúnia, da intriga, do crime! Malvados! Propuseram-me, convidaram-me para cometer um crime horrível.

– Basta, Carlos... E tu, meu filho, sofres tanto? Esqueceste já que és filho do capitão Fabiani.

– Não, meu pai, mas ainda é cedo; raiará o dia da vingança.

– Bem, meu filho, és digno de teu pai.

– Esses infames influíram-me a perpetrar tão nefando crime na pessoa do reto Juiz de Direito.

– Carlos, não continues, que despedaças o meu coração... Fugamos deste lugar infernal.

Ah! Este golpe veio ferir mais ainda meu coração; não era bastante já a perda do meu querido filho apunhalado por esses sicários? Terei também que abandonar a terra onde repousam as cinzas de uma esposa querida! ...

Uma lágrima furtiva umedeceu suas pálpebras e correu por sua macilenta face.

Era uma lágrima de saudade pelo ente que tanto tinha amado. Seguiu-se um profundo silêncio. A noite adiantava sua carreira como o sentimento de uma dor sem remédio.

O velho capitão estava pensativo e sua fronte nublada por tristes ideias parecia dizer: – Não resta esperança alguma.

– Meu pai!, disse Carlos, por que vos abandonais a tão acerba dor? Por que atormentais vosso coração com ideia tão terrível? Ainda nos resta uma esperança...

– Uma esperança?... Não, Carlos; tenho visto cair todas, uma por uma, ao sopro do vendaval do desengano. Não! Para mim já não há esperança!...

– A última folha ainda não caiu; se ostenta talvez verdejante e bela e nos faz entrever uma época de felicidade para Jaguarão.

– Carlos, te iludes, meu coração pressagia o contrário. O porvir que se aproxima a longos passos e que tu dizes ser tão belo, tem de ser para Jaguarão, um porvir de maldição, de discórdia e desunião. Sim, meu filho, ouves a tempestade que brama? É o sinal de abandonar esta terra; ouves o vento que sibila? É o anátema lançado sobre esses entes miseráveis que nos tiranizam e o estampido do trovão, cujo eco se assemelha ao estrondo da peça de um navio pedindo socorro, é a voz da justiça anunciando o castigo aos réprobos que nos oprimem e matam... Eis, meu filho, a história de nosso futuro.

– Meu pai! Meu pai! Sossegai-vos, ele nos promete e não faltará.

– Ele, quem?

– José Luiz.

– Enganas-te, ele também nos abandonou; foram promessas, vãs! Ele não pode ser amigo da família do capitão Fabiani; nossa desgraça é sua glória. Ele não se lembra já dos favores que recebeu, nos esqueceu para sempre.

Heloísa estremeceu; uma lágrima correu por suas faces e caiu, rolando, sobre seu bordado.

– Meu pai! É impossível! Não vinha frequentemente a nossa casa; não é essa uma prova de gratidão!

– É verdade quando tu dizes meu filho, mas isso não é prova suficiente para não nos ter esquecido... É um filho maldito e basta; ele hoje em dia pensa que tendo amizade a um membro da família Fabiani, é uma humilhação; quando nos precisamos, procuram-nos com o sorriso nos lábios e, depois de conseguir seu intuito, nos esquecem e abandonam. É uma raça vil, que hoje acha-se coberta de títulos tão cheios de pó, tão imundos como o lugar de onde o capitão Fabiani o levantou; ele, meu filho, se esquece de tudo isto e só procura o extermínio de nossa família, porque somos os únicos que sabemos esse segredo...

Neste momento deram onze horas.

– Onze horas! Já é tarde... É tempo de repousar.

– A bênção de Deus baixe sobre vossas cabeças meus filhos.

Deu um beijo na fronte de Heloísa e depois dirigiu-se a seu quarto com passos trêmulos.

Capítulo II

A declaração

Era meia-noite. A tempestade continuava a bramir com furor. Reinava um profundo silêncio na casa do capitão Fabiani, silêncio igual ao do sepulcro, onde tudo é mistério. Tinha já passado lentamente uma hora, o velho militar dormia. Sim, dormia! E talvez para sempre.

Heloísa continuava seu bordado no meio deste silêncio, mas naquele momento achava-se estampada em sua fronte a impaciência e o desassossego, no seu rosto estava pintada a impressão de todas as paixões que agitam a sua alma; se a alegria aparecia em seu rosto era apenas como raio do Sol entre as nuvens; se um sorriso assomava a seus lábios era como a luz rápida do relâmpago que ilumina as trevas; porque no mesmo instante uma palidez sombria cobria seu rosto. Que cruéis dores sofria aquela alma? Por que corriam aquelas lágrimas por suas faces? Por que batia tão violentamente o seu coração? Mistério impenetrável! Ela tremia como o branco lírio que o furacão impetuoso sacode e lhe faz curvar beijando o chão.

Perto de uma mesa achava-se sentado um belo mancebo, que parecia bastante agitado e dominado por um pensamento que o afligia.

Era ele de estatura regular, dotado de uma dessas fisionomias que vulgarmente apelidam simpática; de grandes olhos pretos, cheios de viveza, tez morena, um bigodinho preto cobria o seu lábio superior. Este mancebo que apresentava ter de 20 a 21 anos, mas que pesavam já sobre seus lombos 28 anos, se achava, como dissemos, em completo estado de agitação; seus olhos assaz espremiavam seu desassossego... Este mancebo era Carlos... Depois de longo tempo de meditação, exclamou: – Sim, eu a vi, ela impressionou-me, seus olhos pareciam falar-me na alma, sua voz tão meiga... Ecoa ainda em meu coração... Mas louco que sou, como poderei cativar tantos encantos?... Que posição tenho eu perante a sociedade!... Onde estão as riquezas com que possa nele ganhar importância?... Sim, é preciso abafar o primeiro grito no meu coração... Aqui, o mancebo parou e duas grossas lágrimas correram pela sua face; depois foi revolvendo os inumeráveis papéis que tinha diante de si.

Após alguns momentos de silêncio, principiou a ler com atenção uma por uma, todas aquelas epístolas, um ligeiro sorriso apareceu em seus lábios, depois aproximou-as todas à luz, cuja chama reduziu-as a cinzas, que voaram pelo ar e caíram frias no chão, então com acento triste exclamou.

– Tudo está findado!

Uma luz repentina alumiu a habitação; foi um relâmpago, um estampido horrível ressoou, era o raio. Carlos

e Heloísa levantaram-se maquinalmente espavoridos.

– Noite horrível!, exclamou Carlos.

– Bem horrível, meu irmão.

– As catadupas do céu abriram-se para inundar a terra, Deus parece que quer castigar nossos crimes com um novo dilúvio, ou será talvez o fim da existência da humanidade, seguido da noite do castigo? Esta desordem dos elementos deve fazer tremer ao malvado no meio de seus crimes, deter a mão assassina que vai ferir a inocente vítima e conter no meio de sua carreira de libertinagem ao filho desobediente, porque o trovão que rufa é a voz da reprovação que pesa sobre suas cabeças...

– Meu Deus! Meu Deus!, exclamou Heloísa e caiu aterrada e pálida sobre uma cadeira, como se o raio a tivesse ferido.

– Heloísa, que tens? Por que tremes?

– Que tenho?... Nada, não é nada.

– Mas, essa agitação?

– Ah! Carlos, é porque acabas de proferir minha sentença... Sou criminosa.

– Heloísa, tu deliras!

– Não, não deliro, sou uma má filha, sou criminosa.

– Tu? Tu criminosa? Revela-me esse segredo, é preciso que eu saiba.

– Sim, mas antes de tudo é preciso que prometas

perdoar-me, que jures que terás compaixão de mim, que dizes Carlos?

– Perdoar-te sem saber o crime?... Não!

– Por piedade, Carlos, se fui débil, se me lancei ao abismo do crime, a culpa não é toda minha, fui arrastada como a vítima ao cadafalso.

– Bem, juro perdoar-te.

– Seja qual for o meu crime?

– Sim.

– Carlos, eu amo, mas amo com delírio.

– E essa é a declaração terrível, é esse o crime porque estás condenada? Acaso é crime amar? Ah! Se assim fosse, também eu seria culpável. Conheço esse sentimento que reúne o Inferno e o Céu da existência humana, denominado AMOR, sim, Heloísa, eu também amo uma mulher, mulher orgulhosa que trata com desdém o meu amor, que me aborrece, porque sou pobre, porque ao oferecer-lhe minha mão, não vai coberta com mil joias, porque não tenho mais bens que oferecer-lhe do que o meu coração.

– Mas tu, Carlos, só amas com o delírio do sentimento, o amor não é um crime; mas quando se ama a um homem mais do que se pode amar ao mesmo Deus, quando por ele se falta a todos os deveres mais sagrados, quando tudo jaz em silêncio, quando todos dormem, quando enfim...

– Basta, Heloísa, não continues, não magoes mais

meu coração.

– Já é tarde, escuta um momento mais.

– Continua.

– Carlos, eu amei um homem e amo ainda com todo o frenesi com que se pode amar uma criatura humana; mas esse homem me enganou, ele nunca me amou, tudo era fingimento, abusou de minha inexperiência, de minha pouca idade, e eu louca, que cri em suas palavras de ternura, que cri em seus juramentos e promessas! Louca, mil vezes louca! Mas dessa falta recebi o castigo; porque uma testemunha me acusa a todo o instante, a toda hora, sim, Carlos, eu sou desgraçada!

– Meu Deus! Que ouço!

Carlos ficou por algum tempo imóvel como uma estátua, mas de repente, saindo deste estado de entorpecimento, principiou a passar aceleradamente pela habitação; depois parou-se em frente de Heloísa e exclamou, com uma voz semelhante, ao eco dos abismos:

– Desgraçada! Quem é esse infame, esse vil, que abusou de sua inocência?... Ah! Se fosse ele... Mas...

– Carlos, é ele.

– Ele!... Oh! Eis aqui como são os homens! Eu que o tinha por meu melhor amigo, infame! Ah! Cristiano! Tu pagarás com teu sangue a desonra que trouxeste ao seio da minha família!

- Carlos, não é Cristiano; o culpado é outro.
- Outro? E quem é?
- É José Luiz!
- José Luiz! Heloísa! Heloísa! Nos desonrastes duas vezes!

- Carlos, não me amaldiçoes... Perdão! Perdão!
- Tu serás perdoada, porque és mulher e fraca, mas ele... Nunca! Nunca!

Um rumor se ouviu, como uma porta que se abria, os dois irmãos dirigiram suas vistas para o corredor. Um vulto embuçado num comprido capote apareceu no limiar da porta.

Heloísa ficou pálida e o coração palpitou-lhe com violência; aquele era o homem que lhe tinha mostrado o inferno para sua perdição.

- Carlos! ..., bradou Heloísa, é ele! E caiu desmaiada.
- José Luiz!
- O mesmo em corpo e alma, disse o embuçado.
- Vieste em boa hora, conheceis esta mulher que está aqui desmaiada?

- É vossa irmã.
- Sabeis o segredo que vem revelar-me?
- Não.
- Sua desonra e a de minha família!...

O embuçado fez um movimento de espanto e levou maquinalmente a mão ao punho da espada que trazia oculta.

– Também declarou-me, continuou Carlos, o nome do infame... Sim, vós sois um miserável! Um malvado! Um sedutor!

– Bem o sei.

– Não temeis a vingança de Deus?

– Não.

– Nem a dos homens?

– Tão pouco.

– Então não temes, que o irmão dessa desgraçada faça-vos pagar vossa temeridade e sua desonra? Não temes que lave com vosso sangue a nódoa da sedução que lançastes na sua honra e de que foi vítima sua irmã.

– Não, não temo a homem algum...

– Infame!...

– Adeus... Até...

– Senhor, uma palavra... Esquecerei tudo... Dai vossa mão à minha irmã.

– Eu?... Nunca! Nunca!

– Recusais?...

– Sim.

– Infame sedutor!...

José Luiz, com a mão no punho da espada, saiu a passos lentos pela mesma porta por que tinha entrado, lançando um olhar de compaixão à sua vítima.

Poucos minutos depois da saída de José Luiz, Heloísa

tornando a si atirou-se nos braços de seu irmão, vertendo abundantes lágrimas, mas Carlos recuando bradou:

– Arreda-te mulher!... És uma infame?...

Ao ouvir estas palavras, Heloísa pareceu agitada por uma tão viva emoção, que os seus olhos saíram quase inteiramente de suas órbitas e, juntando as duas mãos, caiu de joelhos aos pés de Carlos exclamando:

– Perdão! Perdão!

Capítulo III

A maldição

Fazia oito dias que a desgraçada Heloísa tinha feito a declaração a seu irmão. O carro da Noite corria apressurado, cobrindo com seu manto todo o firmamento, a Lua bela e majestosa apenas aparecia na azulada abóbada, circundada de uma multidão inumerável de resplandecentes estrelas, que formava seu brilhante cortejo, parecia sorrir-se ufana à vista de seu esplendor, lançando seus raios prateados e melancólicos sobre a atalaia da fronteira, sobre a bela Vila de Jaguarão.

A natureza repousava num silêncio profundo, que só era turbado pelo suave sussurro da brisa.

Heloísa pálida, taciturna e melancólica, estava sentada ao pé de uma mesa, com a cabeça apoiada em suas mãos, meditava em silêncio. Era tão grande a sua agitação que seu seio batia com violência, alguns suspiros que, de quando em quando exalava, pareciam ser arrancados d'alma.

Assim passou algum tempo, depois descobriu sua face; seu rosto antes tão belo estava sem cor, seus olhos sem luz, seus lábios sem sorrisos... Levantou-se e, dando um profundo suspiro, exclamou:

– Oh!... Eis-me aqui na primavera da vida... E já

minhas faces estão sulcadas pelas ardentes lágrimas que tenho derramado, já minhas mãos estão frias como o mármore de uma estátua, já meu coração está lacerado pela dor e pela desesperação; dores, que um só passo errado conduziu ao crime e toda a minha vida atormentarão minha alma. Ah! Como são vãs nossas esperanças? Eu que via aberto um futuro tão risonho, tão belo... Tão sublime... E tornou-se um porvir de lágrimas, de dores e de tormentos. Louca! Que esperava gozar a felicidade amando, que abandonei tudo pelo amor. Insensata que amei mais que a minha vida a um homem? E esse homem é um infame, um traidor, um inimigo de minha família! Louca! Mil vezes louca, eu que cri em seus mentidos juramentos e suas palavras de amor: palavras de ternura que era a linguagem da perfídia, palavras ardentes que pensei que fossem nascidas do coração e eram frias como o mármore e filhas do fingimento para iludir-me. Imprudente que pensei ter cativado o seu coração... E não previa que podiam ser laços armados por um perverso! Um sedutor!... Louca, insensata e imprudente, que fui o ludíbrio de um hipócrita que ria-se de minha cegueira e zombava de meus gemidos e de meus suspiros... Hipócrita! Que condenou-me a eternas dores e tormentos! Murchando num instante a flor do amor que luzia em meu inocente peito, homem que amei tanto e hoje tanto aborreço... Não... O coração desmente o que os lábios pronunciam.

– Oh, vergonha!... Esta paixão impura que ainda encerra meu peito, que ainda me abrasa o coração... É o maior de todos os crimes, oh! Meu Deus! Misericórdia! Misericórdia!... Mas não, para mim não pode haver perdão! Minhas penas findarão quando o meu coração deixe de palpitar, quando o tumultuoso sono da vida terminar e durma tranquilo o sono eterno debaixo da dura lousa... E dizendo isso deixou cair a cabeça sobre o peito como a flor emurchecida. A dor terá terminado a sua existência? Não, ainda não, algumas páginas do livro de sua vida estão em branco e talvez as mais horrendas e tristes.

A hora fatal não tinha chegado ainda. Estava tão absorta em suas meditações, que não tinha visto o velho militar que silencioso a contemplava.

– Heloísa? Minha filha!

A moça estremeceu ao ouvir a voz de seu pai e levantou rapidamente seu rosto pálido e lânguido pelo continuado padecer e, com suave voz, exclamou:

– Meu pai!...

O doce timbre da voz de Heloísa e a beleza que a dor imprimia em suas feições fizeram grande impressão no coração do velho capitão, que apressurado interrogou:

– Heloísa, que tens?

– Eu?... Nada.

– Nada... Não te creio; tu sofres Heloísa; tu sofres

muito, minha filha...

– Meu pai, estás enganado.

Ao pronunciar estas palavras, uma lágrima correu pela sua face e uma nuvem de tristeza difundiu-se em seu rosto.

– Não me engano, e essas lágrimas?

– Choro porventura?

– Heloísa! Heloísa! Tu me ocultas algum pesar!...

Neste momento bateram à porta da casa.

– Quem será que vem a esta hora? Deve ser Carlos, sem dúvida.

Heloísa correu apressurada a abrir a porta; era Carlos, estava pálido, trazia sua mão direita contra o peito e, por entre os dedos, corria abundante sangue que regava os lugares por onde passava; aproximou-se perto de uma cadeira e caiu quase desmaiado bradando:

– Estou salvo!... Maldição sobre ele; covarde!...

– Carlos, meu filho, estás ferido?

– Ah! Não é nada, meu pai, não vos assusteis, a ferida é leve, porque a mão que descarregou o golpe tremia de raiva e medo.

– Quem foi esse vil, esse assassino?

– Foi um infame, que quando passei por em frente à igreja intentou assassinar-me, sepultando assim com o meu cadáver os segredos de sua vida pervertida... Mas errou o golpe, miserável! Covarde! Só coberto com o manto das

trevas e à traição é que se animou a atacar-me. Mas isso foi uma troca de sangue, foi a assinatura de um contrato de morte feito entre nós, porque se seu punhal banhou-se no meu sangue, o meu não dormiu na bainha; e rindo-se malignamente, com gesto infernal e burlesco, tirou seu punhal que ainda estava tinto em sangue...

– Olhai para meu punhal, que é uma testemunha de meu furor; vê o sangue de um perverso... Heloísa, isto é tudo o que trago de teu sedutor; este é o sangue de José Luiz!

E cravou com raiva o punhal na mesa que estava perto de si. Heloísa caiu desmaiada, soltando um agudo grito. O velho militar ficou imóvel, como se um raio o tivesse ferido... Passados alguns minutos de silêncio, exclamou:

– Seu sedutor! José Luiz! O inimigo da família do capitão Fabiani. Desonrado por uma mulher e um filho maldito! E esta mulher é minha filha, a filha que tanto amei, e este homem é o homem que tanto detesto.

– Oh!... Raiva!... Inferno!... Maldição sobre eles! Sim, filha desnaturada, eu te amaldiçoo!

Ao pronunciar estas palavras caiu num verdadeiro abatimento. Carlos fez um esforço e aproximou-se dele.

– Meu pai! Por que vos entregais a tão acerbos dores, afugentai de vossa mente essas horríveis ideias que despedaçam vosso coração e preparai-vos para a vingança.

– Para a vingança?... Já não posso vingar-me Carlos,

este golpe veio terminar minha existência... Este golpe feriu-me de morte... Sim, meu filho, poucos momentos me restam de vida, mas antes de entrar na morada eterna, cujas portas fechar-se-ão até o dia em que a trombeta anunciada pelos profetas nos chamem a prestar nossas contas no Vale de Josafá; antes disto é preciso Carlos que jures cumprir a minha vontade.

– Juro, meu pai.

– Meu filho, vou morrer! Carlos vê o que é a vida, com que velocidade corre e como passam-se os dias, os anos e os séculos; vê como aceleradamente vamos nos aproximando a esse abismo que queremos evitar, que queremos recuar a sua vista, mas uma força superior a ele nos impele e uma voz ressoa constantemente em nossos ouvidos: Avante! Avante!

A minha missão da Terra está terminada, o Grande Arquiteto me chama a si. Vou morrer, mas morro contente, por ter cumprido com todos os deveres prescritos, ao cidadão, ao pai e ao amigo, nunca atraíçoei a minha pátria, porque meu braço e minha espada sempre combateram em prol da liberdade, e, em cem combates sempre vitorioso, depusitei ela aos pés da casta deusa; combati sempre o inimigo e o insolente que ousou calcar nosso sagrado código; se tenho sofrido e sofro essa horrível perseguição é porque nunca quis ligar-me a esse círculo infame que qual traça roedora fere hipocritamente o coração da sociedade; que qual vulcão lança chamas discordantes no nosso meio que sob as

denominações de intrigas, calúnias, inveja etc. e como a lava corre e queima e assola a honra, a vida, o bem estar e a virtude... Meu filho, segue o exemplo de teu pai, foge destes entes, porque seu hábito é corruptor e seu contato prejudicial, prefere mil vezes antes a morte, que um só dia de liga com esses entes tão miseráveis. Carlos, vou morrer, tu és meu filho... Nossa honra foi manchada, nossa reputação escarnecida, e as cãs do velho Fabiani foram desrespeitadas e seu nome talvez amanhã seja lançado ao ludíbrio da sociedade por esse miserável, porque a nódoa lançada na nossa honra por esta mulher incauta se estenderá em breve e a nossa sociedade, no fiel cumprimento de suas leis, se esquecerá de todas nossas glórias, se olvidará dessa reputação ilibada de que permaneceu pura e sem mácula por tantos anos; e lançar-nos-á em nosso rosto a cada instante, a cada momento, o crime social cometido por essa filha ingrata!... E ao passar pela rua qualquer vastado da família Fabiani, desde o imberbe mancebo até o decrépito ancião, desde o rasteiro fâmulo até o elevado aristocrata tem o direito de apontá-lo com o dedo, e dizer – eis ali um membro da família desonrada – e a sociedade aprova este procedimento porque assim prescrevem nossas leis sociais... Oh! Meu filho! Isto é insuportável; esta nódoa que a sociedade não admite reparação é preciso que desapareça; porque um homem honrado nunca poderá tolerar que a sua honra, tão querida...

Tão respeitada, venha a ser mofa da sociedade... E portanto a ti corre, em tuas veias, o sangue ardente dos Fabiani e tu sabes que eles costumam:

– Vingar-se, meu pai.

– Compreendeste, meu filho; o meu coração está frio já, o sangue gelou-se-me nas veias, a morte pousou já sobre meus ombros a sua descarnada mão...

– Meu pai; esperai, vou chamar um médico.

– É tarde, meu filho, e a ciência nada pode já fazer; estou na borda do abismo inevitável, abismos que prevemos suas consequências, mas que não podemos evitar por que o Criador de tudo assim determinou... Carlos, Carlos! Dá-me tua mão... Meu filho... Lembra-te que um homem... Um inimigo de nossa família... Um filho maldito nos desonrou... Vingança!... Que seu sangue lave a nódoa, que junto com a filha ingrata lançaram em nossa família. Vingança meu filho!... E eter... na... mal... di... ção a fi... lha... ingra... ta... que... me... lan... çã... ao... sepul... cro... !... mal... di... ção...! oh... !... eu...!... tu... meu... filho... juras...

– Meu pai! Meu bom pai!, exclamou Carlos de joelhos às plantas do ancião.

Pronunciou ainda algumas palavras ininteligíveis e depois ficou num letargo; alguns momentos depois, sua alma tinha voado à mansão dos justos.

Capítulo IV

O soirée

Tinha decorrido um ano depois dos sucessos horríveis cuja narração fizemos no capítulo precedente.

O céu estava coberto por negras e espessas nuvens, um vento glacial que sopra unido a uma forte chuva, das que são tão frequentes no mês de julho, em nosso clima, era o que reinava na época em que passaram as cenas de que vamos tratar neste capítulo.

A habitação do Sr. Félix, situada ao terminar a Rua do Triunfo, anunciava os preparativos de uma festa. A sala mobiliada com luxo oferecia um aspecto encantador; janelas cobertas com ricas cortinas de cassa recolhidas por borlas e cordões de retrós amarelo, contribuíam a fazer ressaltar mais a luz dos lustres e candelabros que difundiam imensidade de luzes naquela magnífica habitação.

Essa festa era uma reunião familiar que oferecia o Sr. Félix, tio de Sophia, às amigas da bela menina em aniversário do seu nascimento.

O físico de Sophia, completamente desenvolvido, não podia ser mais belo.

Os poetas em suas fabulosas narrações não ideariam um conjunto de mais perfeições.

Sua testa era pequena, a cor de seu rosto acetinada como o jambo, era ligeiramente corado, seus olhos eram grandes, pretos e belos, brilhavam qual estrelas rutilantes, sua boca pequena e seus lábios frescos e corados como um botão de rosa desabrochando, seu cabelo tão abundante e tão negro como o ébano, fazia sua cabeça tão bela como a Vênus de Fídias ou a Virgem de Chigi, quando abandonava a seriedade que lhe era habitual e um sorriso aparecia em seus coralinos lábios, dois ligeiros pocinhos projetavam-se em sua face, contribuindo isso a dar-lhe mais graça no seu rosto angelical.

Naquele dia trajava um vestido azul, o seu penteado era tão simples, que fazia ressaltar mais ainda seus encantos.

Seu caráter era bondadoso, e seu trato afável, mostrando em sua conversação uma regular instrução, em tanto que humilde, por caráter não fazia ostentação dela.

O tio de Sophia prezava-a tanto como se fosse sua filha, porque ela com seu carinho tinha sabido granjear a estima de seus parentes.

A sociedade que frequentava a casa do Sr. Félix era seleta e escolhida e Sophia, única moça da casa, por suas graças e afabilidade, fazia-se credora dela.

Entre as pessoas que assistiam diariamente se contava um ancião que pela sua idade e pelo seu talento era

atendido por todos.

Em seu rosto coberto por rugas notava-se um pesar oculto que consumia sua existência.

Muitas vezes, falando de sua mocidade, as lágrimas rolavam pelas suas macilentas faces.

Sophia tinha simpatizado com ele, por essa afinidade que há entre todas as pessoas que sofrem, sua palavra tinha para ele um eco irresistível, ele tão bem por sua parte professava uma extremosa amizade, muitas vezes via-se ao ancião contemplá-la com tristeza, como se sua imagem despertasse em sua mente recordações do passado.

Aos sofrimentos de Sophia, tinha-se juntado mais um: amava!... As desgraças que tinha sofrido com a perda de sua mãe tinham-na tornado cauta e via-se obrigada a não manifestar os sentimentos que germinavam em seu coração virgem, via-se-lhe triste e abatida, porém suas amigas criam que sua dor era ocasionada por passados sofrimentos.

Um dos jovens que frequentavam a sociedade da família do Sr. Félix era o mortal afortunado, no qual Sophia tinha fixado suas miradas; ele também a amava, porém afogava em seu peito os seus sentimentos por essa desconfiança que sempre o homem tem quando ama com força e frenesi, de não manifestar seu amor à mulher de seus sonhos.

O ancião era a única pessoa que tinha conhecimento da paixão que seu amigo professava a Sophia.

Ele a animava a continuar em sua tarefa, porém os que amam – por primeira vez – sempre vacilam em seus primeiros passos na senda que depois, quando o coração adota suas ilusões, se lançam com ardor, importando-lhes pouco o resultado que possam obter.

Um homem que ama com paixão e desinteresse e que não está certo de possuir o afeto de uma mulher teme que, ao dirigir a palavra a essa mulher para falar-lhe de seu amor e padecimentos, essa mesma mulher se mostre indiferente e fria e não lhe corresponde devidamente; porém um homem que não ama a mulher senão pelo prazer de possuí-la, pouco lhe importa que ela se lhe manifeste indiferente, porque tem o remédio em suas mãos, indo render homenagens a outras.

.....
Às dez, acabavam de dar de um relógio colocado no interior da casa.

O golpe de vista que oferecia a sala era magnífico, uma multidão de belos pares, ora se agitavam ao compasso da harmoniosa valsa, ora aos sons arrebatadores da polca; mulheres divinas, nas quais viam-se materializadas as criações fabulosas dos poetas, eram as concorrentes daquela noite, de onde se respirava uma atmosfera tépida, perfumada pela fragrância que despediam os extratos que as belas tinham umedecido seus lenços.

Em todos os semblantes via-se marcada a alegria;

todos dançavam e gozavam, naqueles momentos de inexplicável ventura.

Duas pessoas tão somente não participavam da alegria geral, pareciam que suas almas ocultavam um pesar, riam-se juntas e seus lábios trêmulos não podiam pronunciar nem uma só palavra para explicar as dores de seu coração, dores que eram filhas do mesmo sentimento: o amor que se inspiravam mutuamente sem se compreender.

Essas duas pessoas eram Carlos e Sophia.

Esse moço tão valoroso, perante a mulher que adorava, não tinha ânimo suficiente para manifestar seu amor.

Sophia estava radiante de beleza e, com seu vestido angelical, tornava-se àquela noite a rainha da festa, seus olhos cobertos por espessas sobancelhas brilhavam rutilantes de uma maneira impossível de descrever-se, um ligeiro sorriso vagava em seus lábios, assemelhando-se ao brando Zéfiro entre as flores.

Carlos contemplava-a em silêncio e, admirado de tantas graças reunidas numa só pessoa, não se achava com ânimo suficiente para declarar à Sophia sua paixão.

O som harmonioso da música enchia os ares, excitando aos pares a entregar-se ao turbilhão da dança.

Carlos convida a Sophia para a quarta contradança que ia dar princípio, a jovem aceita com timidez e, ao dar a mão a Carlos, ambos tremiam de emoção. Carlos louco de

prazer, ao sentir sua fronte acariciada pelo hálito de Sophia, ao sentir que seus corações batiam juntos, ao estreitar sua cintura entre seus braços perdeu sua timidez e entusiasmado principiou a pronunciar ao ouvido da jovem essas palavras mágicas de amor, que tanta impressão fazem, quando o coração da mulher as ouve por primeira vez, no meio do estrépito de uma festa.

A quadrilha tinha terminado.

Carlos e Sophia continuavam no passeio, entretendo o seguinte diálogo:

– Minha senhora, dizia Carlos, o tormento maior do homem é amar a uma mulher formosa sem que ela compreenda o que é amor; é viver flutuando na ansiedade e no tormento que oprimem nossa alma e que nos inspira o desejo de possuir o coração da mulher que amamos; e que, considerando-nos indigno dela, não nos atrevemos a pedir-lhe que sejam correspondidos nossos afetos.

– E por que esse temor, respondeu Sophia, pois não é uma ventura, para a mulher, fazer a felicidade de quem ama?

– Ah! A minha senhora fala como a mulher cujo coração possui a virgindade e pureza de sentimentos que o mundo não o faz emurcheçar; fala como a mulher sensível e pura, seu coração é nobre e generoso.

– Obrigado, Sr. Carlos, pela lisonja, eu não fiz senão o que faz toda e qualquer mulher.

– Enganai-vos, minha senhora, atalhou Carlos, todas as mulheres não compreendem como vós o amor, muitas e muitas vezes aqueles que amam com paixão e frenesi são desprezados por elas, tanto que entregam seu coração e suas ilusões a homens indignos delas.

– É o amor que as engana.

– Permitti que vos diga, para ser amado de algumas mulheres, é preciso ser indiferente, apesar de que a sociedade muitas vezes desaprove essa conduta.

Sophia estava silenciosa com o rosto inclinado sobre seu alvo seio.

– Sim, Sophia, continuou Carlos, eu amo-a com esse amor frenético e desinteressado que a pureza do sentimento imprime no coração do homem, uma palavra vossa será meu futuro...

– Se de mim tão somente dependesse fazer vossa felicidade... Respondeu Sophia com timidez.

– E duvida a senhora, porventura, que seu amor seja a minha felicidade?

– Porém meu tio...

– Quê?...

– Deu sua palavra sem consultar-me...

Neste momento, aproximou-se um homem todo vestido de preto e dirigindo-se a Sophia disse-lhe:

– A quinta é a nossa.

– Sim, senhor...

– Então já volto, não quero interromper seu diálogo, disse o homem de preto com ironia e afastou-se dos dois apaixonados jovens.

– É ele, Sr. Carlos!, exclamou Sophia, com amargura.

– Ele, José Luiz? Oh! Maldição! Maldição!, bradou Carlos fora de si.

– Sr. Carlos, que tens?... Vos achais incomodado?

– Senhora, roubaram a minha última esperança, a única felicidade que possuía neste mundo.

Sophia que, até aquele instante, mostrara em seu rosto a alegria que sua alma experimentara, mudou repentinamente, suas faces ficaram pálidas como o lírio e, por elas, correram suavemente duas lágrimas, arrancadas do íntimo do peito pela dor que acabava de experimentar.

Carlos e Sophia se amavam, mas a ambição do Sr. Félix tinha frustrado seu porvir, oferecendo a mão de Sophia a José Luiz.

A música anunciou a quinta contradança, Carlos sentou Sophia dizendo-lhe:

– Adeus para sempre, senhora...

– Não, talvez não, disse Sophia com resignação, tende mais confiança em mim.

Carlos abandonou com pesar aquele recinto, testemunha de sua momentânea felicidade.

Uma hora depois do baile, via-se Sophia em sua habitação, com os cabelos soltos sobre os ombros, ajoelhada perante a imagem do Deus homem, exclamando fervorosamente:

– Meu Deus, piedade, tende compaixão desta infeliz que seu tio quer sacrificar, a louca ambição desse homem que tanto detesto!...

– Sophia orou por alguns momentos, mas depois dirigiu-se a seu leito e deitou-se. Meia hora depois dormia, mas seu seio arquejava com violência e, de quando em quando, um suspiro escapado do íntimo do peito perdia-se no espaço.

– Tudo isto eram provas evidentes que a bela menina amava, porém sofria, e sofria horrivelmente.

– Tudo jazia em silêncio e só se ouvia o bater monótono da pêndula que naquele momento foi interrompido com a vibração das três horas que deram no relógio.

Capítulo V

A aparição

Na Rua do Comércio, elevava-se uma modesta casa, ali não respirava o luxo, mas sim a comodidade. Eram nove horas da noite, do dia imediato ao *soirée* dado em casa de Sophia. Numa habitação desta modesta casa, achava-se um homem ainda jovem recostado num sofá. Esta habitação estava adornada e alcatifada luxuriosamente; tudo ali mostrava o bem-estar do habitante que ali residia; aquele jovem de olhos pretos e longa barba era José Luiz. Pensativo e solitário estava absorto numa profunda meditação. Esse homem tão alegre, tão jovial, estava triste, melancólico e, se o sorriso pousava em seus lábios, era rápido como a luz do relâmpago no meio da noite tenebrosa. Quão incompreensível é o coração humano! Sim, de um só momento passamos da desgraça à miséria, também num momento passamos do bem-estar à fortuna e à glória! E quem poderá definir todas as paixões que pululam de um para outro momento no coração? Quem penetraria os pensamentos que dominavam naquele instante a José Luiz? Qual seria a mão que marcaria o fim da sua existência? Haverá homem que possa fazê-lo? Não.

Somente o Onipotente, criador de tudo. Um misterioso silêncio reinava naquele recinto. Um leve rumor fez sobressaltar a José Luiz. Abriu-se uma porta e, no limiar, apresentou-se um homem embuçado num longo capote. José Luiz empalideceu e ficou imóvel como uma estátua, parecia ter sido tocado pela vara mágica de uma feiticeira, ou ter visto a terrível cabeça de Medusa.

O embuçado avançou lentamente, aproximou-se de José Luiz, colocou-se em frente dele e, com os braços cruzados, disse ironicamente:

– Minha visita inesperada vos assusta, fiz mal sem dúvida, não fazer-me anunciar.

– Quem sois?

– Sou um homem que Deus mandou a este mundo para deter a mão assassina nos seus nefandos projetos, sou vossa sombra, sou um homem que tenho que cumprir na Terra uma missão que o moribundo confiou-me no leito de morte.

– Mas, embuçado e talvez armado?

– Ah! Quereis ver meu rosto, quereis conhecer-me? Pois bem conhecei-me agora? E lançou longe de si o longo capote que o cobria.

– Carlos, o irmão de Heloísa!, exclamou espantado José Luiz.

– Carlos, o irmão de Heloísa, repetiu com ironia

Carlos. Ele mesmo, em corpo e alma, ele é leal e nobre e, por isso, a espada que leva em seu cinto sabe empunhar com honra: também pode vestir um uniforme, porque o coração que bate em seu peito é um coração mais nobre que o de muitos homens como vós, que tem o peito coberto de medalhas obtidas pela intriga, roubo, assassinato, baixeza e infâmia!

– Isto é muito sofrer...

– E portanto sofres porque és um covarde!

– Ah! Isto é um sonho horrível.

– Não. Isto é a pura realidade.

– Quem vos conduziu aqui?

– O gênio das vinganças é o que guiou meus passos até aqui, porque temos que concluir um contrato de sangue que assinamos perto da igreja e porque devo cumprir uma sagrada missão que me confiou um pai ao exalar o derradeiro suspiro.

– E qual é?

– O capitão Fabiani morreu, em sua postimeira hora amaldiçoou a sua filha Heloísa! E vós sabeis o motivo, senhor! Por amar a um inimigo de sua família, que abusando de sua pouca idade seduziu-a. Deveis saber que ele tinha um filho, irmão da desgraçada, e as últimas palavras do velho militar foram estas: “é preciso lavar com sangue a nódoa que alguém lançou na nossa família”, esse filho prometeu e jurou... E bem sabes...

– Que nunca faltou a seus juramentos.

– Faz algum tempo que não nos achamos sós, faz um ano, se não me engano, foi aquela noite que me espreitavas e, quando passei perto da igreja, dirigiste teu punhal contra meu peito, bradando: “Morre!”, e descarregaste o golpe, mas quando sentiste que o ferro frio penetrou também tuas carnes, fugiste como um covarde!...

– Porque pensei que foste já um cadáver.

– E vos enganastes, não pensastes que o golpe foi dado com mão, talvez trêmula de raiva e medo... Insensato, que não tivestes a precaução de ver se tinha exalado o último suspiro e só ficastes satisfeito com a aparência... Louco... Que pensastes que a fria lousa encerrava meu cadáver e eu vos apareço, quando não me esperavas, na véspera de vosso casamento! E apareço-vos pedindo uma reparação. José Luiz, desonrastes minha família, seduzindo minha irmã, e queres também roubar a mulher que amo, a mulher por quem suspiro, que é meu ídolo!... Minha vida!... Meu tudo... Mas não será assim, porque, se essa mulher não me pertencer, não pertencerá também a outrem!... E tu, José Luiz, não vos casareis com ela!...

– Quem diabo vos livrou da morte, para minha desgraça, para minha perdição?... Que quereis comigo?

– Matar-vos, ou que caseis com Heloísa.

– Casar-me com Heloísa? Isso nunca! Nunca!...

Enquanto a matar-me, veremos; e dirigiu-se a uma mesa, sobre a qual achava-se uma campainha; Carlos com seu braço de ferro deteve-o e disse-lhe com voz terrível:

– Silêncio! Se não, meu punhal ferirá teu coração.

– Ah! Isto é insofrível!

– E a desonra de uma família e a perda de uma mulher que se adora são suportáveis!?... José Luiz, vais casar, não por amor, mas sim por interesse, vais sacrificar um anjo nas aras de tua louca ambição, oh! Isto é intolerável... Vamos, decidi, a mão de minha irmã ou a morte?

– A morte mil vezes, antes que casar-me com vossa irmã.

– José Luiz! Pensai bem!...

– Estou decidido, não posso.

– Então encomendai-vos a Deus; a hora da vingança já soou, vais morrer... Preparai-vos!...

Carlos levantou o braço, armado de um agudo punhal, e ia já descarregar o golpe quando José Luiz, tremendo, caiu de joelhos bradando:

– Misericórdia! Misericórdia!... Heloísa será minha esposa...

– Não me iludas, José Luiz, não sejam promessas vãs.

– Juro por Deus nosso Senhor, por minha honra, por meu filho, por...

– Basta de juramentos, o cumprimento deles é o que desejo ver realizar-se, portanto de hoje a oito dias de noite vos espero em minha casa.

– Sim, de hoje a oito dias de noite irei à vossa casa.

– Aí tendes minha mão em prova de minha amizade.

E deu-lhe a mão.

– Adeus, até lá.

– Até outra vista, disse José Luiz com ironia.

Carlos tornou a embuçar-se no seu longo capote e saiu pela mesma porta por onde tinha entrado alguns minutos antes. José Luiz acompanhou-o com a vista, quando desapareceu, sua fisionomia transformou-se horrivelmente, essas miradas eram infernais, um sorriso pousou em seus lábios, mas era tão feroz como a risada dos demônios num banquete do Averno.

Um projeto horrível fervia-lhe na mente. Naquele momento o canto do mocho ouviu-se longínquo, era o sinal de extermínio para uma família inteira.

Capítulo VI

Trama infernal

Tinha passado algumas horas da partida de Carlos. Era meia-noite, hora em que os espectros e fantasmas saem de suas recôncavas guaridas; hora dos crimes e remorsos, em que o jogador infrene arde de impaciência devorado pela febre da ambição; em que o esposo infiel espreita o quieto sono da esposa para enganá-la; em que o ratoneiro ou ladrão penetra na casa do habitante pacífico para roubar suas economias; em que a mulher adúltera, com sua infâmia, mancha o leito conjugal, enganando ao incauto esposo, enfim, é a hora em que a orgia está no seu auge.

Era meia-noite, quando três leves pancadas foram dadas na porta da rua. José Luiz que estava meditabundo levantou-se apressurado e correu a abrir a porta. A Lua brilhava em um céu carregado de nuvens e aqui e ali no horizonte lampejava uma estrela. O vento embalava o ramo das árvores, murmurando como um gemido. Ouvia-se o ciciar dos ramos, o canto do mocho e o bruxulear do pirilampo. José Luiz estava trêmulo e frio suor lhe inundava o rosto.

– Quem bate à porta a estas horas?, perguntou ele.

– Amigos, respondeu um homem alto e robusto, mal-encarado, de cor trigueira, pouca barba, olhos pequenos, seu nariz parecia o bico de uma ave de rapina, boca grande e lábios grossos.

– Sim, teus amigos, disse o outro, alto também e gordo, de rosto claro e alegre, de nariz aquilino e cabelos pretos.

– Olá! Meus bons amigos Xisto e Manuel! Não vos esperava tão cedo! Recebeste, sem dúvida, meu bilhete?

– Sim, disse Manuel, recebi teu bilhete e, ciente de seu conteúdo, venho dizer-te que é preciso acelerar este passo, é preciso que ela desapareça quanto antes da cena, é necessário que nosso plano se execute amanhã, sem falta nenhuma, senão estamos perdidos!

– Mas para que tanta precipitação?, retorquiu o de cor morena.

– Os minutos são séculos, meu amigo, disse José Luiz, não vêes que toda a demora é prejudicial, não vêes que mais uns dias de espera podem trazer-nos inconvenientes graves? Nada, não se deve esperar mais um instante, só em pensar nisto horripilo-me todo. Oh! Seria horrível!... Xisto, é preciso que isto termine, deves falar a Pedro e, daqui a oito dias, sem falta, deveis dar o golpe!...

– E teu filho também?

– Também!... É necessário que desapareça toda essa

família, toda... Ouvistes?

– Sim, toda!, repetiu o de nariz aquilino.

– Custa-me muito dar esse passo, José Luiz.

– Como! Tens porventura medo, Xisto?

– Medo! Eu, Xisto? Eu, que tantas vezes minha mão certa atravessou o coração de teus inimigos!... Que uma palavra tua é suficiente para que meu punhal fira o peito que tu me indiques... Mas, hoje... Este atentado... É impossível!...

– Impossível?... bradou José Luiz aterrado, excomungando e ringindo os dentes de raiva. Como impossível, miserável assassino?...

– Sim, impossível, porque minha mão tremeria ao descarregar o golpe sobre a inocente vítima, sobre teu pobre filho!

– Ânimo, Xisto, ânimo, exclamou Manuel, pensa bem no negócio, tu és um bom rapaz e anuirás por fim.

– Sim, eu sou um miserável assassino!... Sou um ente desprezível!... Mas tu, homem honrado e virtuoso, acatado na sociedade, procuras-me sempre para saciar tuas vinganças!... Sim, dizes bem, eu sou um infame! Não devo juntar-me com um homem probo!... Adeus... Adeus!... E preparou-se para partir.

– Xisto! Que é isso?, disse Manuel.

– Xisto, perdoa-me se te ofendi, mas o acaloramento, a raiva...

- Sim, a raiva te faz pagar tão mal a teus amigos.
- Sim, meu amigo do coração, exclamou José Luiz, estreitando contra seu peito a Xisto.
- Tu és o diabo, José Luiz, tens tão boas palavras que persuades a gente, de modo que não se pode negar o que tu pedes!
- Então, no sábado às oito horas da noite, estará tudo terminado?
- Sim! No sábado às oito horas da noite, até teu filho terá deixado de existir!
- Estava seguro que tu o farias.
- Sim, disse Manuel, e em breve teremos outro negócio, muito mais importante e que corre menos perigo.
- Qual é?, perguntou José Luiz.
- O do juiz de Direito.
- Ah, maganão, já te compreendo, queres tirar-me o direito de ser o autor desta obra, mas não; seremos cúmplices como fomos no negócio Estrela, este direito não te cedo.
- Pois bem, aceito tua proposta, seremos cúmplices.
- Manuel, está visto que perante nossas vontades tudo se rende, não há impossíveis, seremos os que impomos as leis e que teremos, a nossos pés abatidos, a esse povo miserável.
- Sim, José Luiz, ainda que seja mister, para chegar ao cume da glória, subir por montões de cadáveres e de

ruínas, sim, não trepidemos, seja nossa divisa para chegar à glória: ruína e desolação.

– Sim, sim!

– Sim, podeis contar com meu braço e vou convidar a Pedro para o atentado que se prepara.

– Sim, ide.

– Adeus, até daqui a oito dias.

– Até lá, obrai e caluda.

– Obrai e caluda.

Xisto montou no seu cavalo e partiu a galope, pela Rua do Comércio abaixo, cantando a seguinte modinha castelhana:

*Miente quien dice:
Que los enamorados.
Son infelices!
Son infelices!*

*Media caña,
Caña entera,
Y lo que sobre
Para su abuela¹.*

O de nariz aquilino embuçou-se no seu longo capote, desabou seu chapéu e marchou também pela Rua da Boa Vista.

José Luiz tornou a entrar na sua habitação, fechou a porta e deitou-se.

.....

¹ Tradução livre: “Mente quem diz:/ Que os apaixonados/ São infelizes/ São infelizes!// Meia volta,/ Volta inteira/ E o que sobra/ Para sua avó”.

Eram duas horas da manhã.

O vento minuano, soprando em rajadas impetuosas, rolava, para as margens do Jaguarão, as folhas secas, em confusão, dos bosques que cobrem ambas as margens.

Rugidos surdos e sinistros enchiam os arredores da bela vila.

O vento soprando sobre as copas das frondosas árvores produzia acordes lúgubres.

Dir-se-ia que ora era chocalhar de ossos; ora eram suspiros e gemidos.

Um espírito supersticioso, um coração crédulo, achariam funestos presságios para a noite que findava sua carreira.

A casinha da Rua do Comércio que já conhecemos estava adormecida na calma e na obscuridade.

Mudo e profundo silêncio reinava em torno.

Penetremos na casa. Penetremos na cama onde repousava José Luiz.

As cortinas e as vidraças fechadas com cuidado impediam que o menor raio de luz fosse visto do exterior.

Essa preocupação era inútil, pois estava bem resguardada a claridade da cama. Julgue-se:

Sobre uma mesa velador, uma lâmpada despedia uma opaca e azulada luz. Deitado sobre um leito, coberto com uma colcha de damasco azul achava-se José Luiz. O seu sono era profundo e dormia tranquilamente e sem agitação, parecia

uma alma pura e sem remorsos.

Mudo e profundo silêncio reinava na habitação, quando uma porta girou suavemente sobre seus gonzos, abre-se lentamente e apareceu no lumiar dela um vulto vestido todo de preto, cujo rosto estava coberto com um espesso véu, que impedia distinguir as feições daquele mortal que a horas tão avançadas da noite entrava furtivamente na morada de um cidadão.

O vulto recostou-se na porta, apoiou a cabeça em suas mãos e meditou em silêncio, era tão grande a sua agitação que o seu seio batia com violência, alguns suspiros que exalava de quando em quando pareciam arrancados da alma. Assim passou alguns minutos aquele ente misterioso, depois sacudiu a cabeça violentamente e, após um profundo suspiro, descobriu sua face... Céus! Era Heloísa, seu rosto antes tão belo, tão corado, estava pálido, sem cor; seus olhos tão resplandecentes estavam sem luz, seus lábios cuja cor era invejada pelo coral, estavam lívidos... Oh! Era difícil reconhecer aquela bela Heloísa, de cútis tão terso e alvo, pois estava cheio de rugas e macilento, o sorriso cheio de graças que lhe era habitual tinha desaparecido.

Deu um suspiro e depois exclamou:

– Eis-me aqui, no verdor da vida, e já minhas faces estão calcinadas pelas ardentes lágrimas, que meus olhos têm vertido, já minhas mãos estão frias como o mármore e

meu coração está ferido pela continuada dor, eis-me aqui que qual pecadora arrependida, venho lançar-me aos pés do meu algoz, a implorar proteção e pedir um nome para meu filho... Meu pobre filho... Eis aqui a que triste situação vê-se reduzida a donzela que se desvia da senda da honra; não é suficiente o sinal que leva na fronte, marca terrível do ferrete da infâmia que a sociedade lança sobre a culpa? Não é suficiente os sofrimentos que laceram seu coração? Não é suficiente ser o ludíbrio e a mofa de uma povoação inteira! Não, nada disso é bastante para castigar o erro que cometeu, é preciso lançar-se aos pés do seu miserável sedutor, a mendigar um nome para seu filho, para o inocente filho que veio ao mundo no meio de maldições, de desgostos e pesar, e talvez seja expulsa da presença do infame! Oh! Isto é terrível!... Entretanto é preciso suportar tudo, este é o castigo da donzela incauta que se afasta da senda do dever que a sociedade prescreve...

Neste momento, José Luiz, em sonho, balbuciou algumas palavras inteligíveis, Heloísa ergueu-se resoluta e dirigiu-se a passos lentos para o leito onde repousava José Luiz.

No centro deste pensamento resolutivo Heloísa estremeceu de repente.

Alguma coisa de frio como a ponta de um punhal acabava de tocar-lhe o coração. Essa coisa era um súbito pensamento.

Uma voz havia bradado essas palavras. Se ele te repulsa?

Heloísa olhou em roda de si com espanto para saber de onde vinha esta voz. Era a sua própria.

Era a de sua consciência.

Mas essa consciência estava muito envenenada para que se purificasse tão depressa. Heloísa sacudiu ironicamente a cabeça.

Ora!, respondeu ela a si mesma.

Depois deu um suspiro arrancado do profundo da alma e dirigiu-se outra vez ao leito.

Neste momento, José Luiz sonhando entreabriu os lábios e um sorriso apareceu em seu rosto e exclamou em voz clara e inteligível: “Sophia, eu te amo.”

Um suor frio inundou o rosto de Heloísa, deteve sua marcha, ficou estupefata.

José Luiz continuou: “Sim, Sophia, tu serás minha, porque ela em breve desaparecerá, Heloísa deve sucumbir”.

Heloísa retrocedeu espavorida, bradando: “Infame, até quando perseguir-me-ás?, e caiu sem sentidos”.

José Luiz acordou-se espantado, gritando: “Socorro! Aqui, d’El-Rei!”

Pulou da cama e, à vista de Heloísa, ficou aterrado e atônito.

Naquele momento, bateram na porta.

Eram Xisto e Pedro. O relógio dava quatro horas da manhã.

A noite já ia fugindo e a aurora levantava-se furtivamente do lado do belo Céfalos, para, voltando ao palácio do velho esposo, subir ao áureo carro puxado por róseos cavalos com o qual todas as manhãs percorre o espaço do céu para abrir as suas portas aurifulgentes.

Um leve murmúrio, a oração matutina da natureza anunciava o alvorecer do dia, cuja luz fulgente em breve ia chamar à vida e à atividade os habitantes da bela vila.

Os galos cantaram pela terceira vez e as aves principiavam a saudar o Rei do Universo com seus harmoniosos trinados.

Capítulo VII

A despedida

Prateavam numa bela noite os raios do astro de Diana, o alto telhado da moradia do Sr. Félix.

Tudo jazia em silêncio, apenas uma leve brisa agitava os densos ramos dos salsos que sombreavam a parte principal da casa e gotas de orvalho, que sobre suas folhas cintilavam na duvidosa luz da Lua, pareciam outras tantas lágrimas celestes vertidas por Diana, chorando a triste sorte do seu Endimião.

A noite ia já no meio de sua carreira.

Reinava profundo silêncio e muda calma. O zéfiro não agitava já as folhas das árvores.

Só a natureza murmurava sons quase imperceptíveis.

Num quarto na casa do Sr. Félix, achava-se sentada uma bela e interessante menina e lia atentamente sentada em frente de uma mesa, sobre a qual havia uma vela cujos débeis raios de luz alumiam fracamente o silencioso aposento.

Aquela formosa criatura era Sophia que lia um romance escrito por Carlos e, de quando em quando, apoiava a cabeça sobre sua mão direita e olhava fixamente para o

teto, exalando alguns suspiros que, arrancados do âmago do peito, perdiam-se silenciosos e invisíveis pelo espaço, depois tornava-se medíabunda e logo continuava a leitura. Essa cena foi repetida mais de uma vez, até que um leve rumor fez-se sentir perto de sua janela que dava para o pátio...

Um sorriso roçou seus lábios, seus cintilantes olhos dardejaram relâmpagos de alegria e maquinalmente levantou-se exclamando:

– Ele!...

E, ao pronunciar essas duas palavras, grossas lágrimas se deslizaram de seus olhos e foram vagarosamente sulcando suas faces e, perdendo-se num seio palpitante, desanimada, deixou-se cair numa cadeira que estava a seu lado e continuou abismada na mais profunda apatia; seus olhos pareciam haver perdido todo o fulgor, seu rosto exprimia grande pesar e desânimo, sua cabeça havia caído sobre o peito e deixava ouvir apenas seu respirar descompassado.

Cinco minutos se passaram neste estado de prostração, quando uma voz sonora e argentina entoou a seguinte cantarola:

Meia-noite... O sono esquivo
Meus olhos fechar não vem,
Não encontro alívio às penas
As saudades do meu bem.

Tudo dorme, e eu só velo
Entregue a minha dor:
Nem tenho de quem confie
Segredos do meu amor

Muda, jaz a natureza,
Tudo em paz repousa agora,
E só eu triste recorde
Breves prazeres d'outrora.

Eu vivo só do passado,
Num presente de amargura;
O porvir faz-me tremer...
Oh! Minha sorte é bem dura!

E quando eu tanto peno
Na mais triste soledade,
Ela talvez durma e goze
Sonhos de felicidade.

Bem longe de mim, quem sabe,
Estará seu pensamento,
Fantasiando delícias
Neste solene momento.

Mas, não: sua alma angélica.
Incapaz é de traição;
Não cabe tanta maldade
Num sensível coração.

Na palavra que me deu
De ser firme até a morte,
Eu creio... Ela jurou-me
Partilhar a minha sorte.

Jurou-me, há-de cumprir;
Conheço sua bondade.
Num peito que é todo amor
Não cabe a felicidade.

Mas eu tremo, eu soffro, eu choro
Só co'a ideia de perdê-la
Perdê-la!... Oh!... Não ser minha!
Ser de outro... Não mais vê-la!...

Não te iludam vãs promessas
Não te seduza a riqueza.
O outro não dá amor,
Nem constância, nem firmeza.

Ninguém tanto como eu
Teus encantos aprecia;
O ardor com que t'eu amo!
Findará na campa fria.

Repercutia ainda ao longe o eco do som sonoro da argentina voz, que tinha entoado a cantarola na janela de Sophia, quando ela saindo daquele estado de torpor em que jazia ao dar princípio a seu canto, o apaixonado mancebo arrancou do peito um longo e profundo suspiro, exclamando:

– Meu Deus! Meu Deus! É Carlos!... E ao pronunciar essas poucas palavras, uma síncope apoderou-se da bela jovem.

Naquele momento, abre-se vagarosamente a janela e um embuçado salta para dentro da habitação. Era Carlos. A tez da morena, sua figura esbelta e elegante, a nobreza instintiva de seu porte davam um brilho de juvenil beleza a sua aparência, que neste momento ainda foi aumentada pela surpresa que a vista daquele estado Sophia lhe causou.

Sem hesitar lançou-se para uma porta que conduzia para o interior da casa, poucos momentos depois chega com um jarro com água fresca e vivificadora... A luz naquele momento próximo a extinguir-se oferecia o mais romântico e encantador espetáculo possível. A luz espirante despedia uma centelha que alumia a figura celeste da moça.

A sua testa pálida e meio reclinada repousava sobre espessas tranças de cabelo negro, sua fisionomia de gentil tipo brasileiro conservava, mesmo no estado irmão da morte em que se achava, uma expressão de angélica bondade e a palidez accidental dava novos encantos a sua cor morena. A desordem de sua roupa deixava ver um mimoso pé tão peculiar às brasileiras e parte de um avultado, mas virginal, seio de acetinada tez morena.

Carlos ao ver esse anjo, assim desanimada mas bela como a madona de Rafael, contemplava estático e subjugado de admiração esse tesouro de belezas que se revelavam a seus olhos como por encanto de alguma vara de condão.

Passados os primeiros momentos de admiração, deu princípio à aplicação dos meios para chamar outra vez à vida a bela Sophia. Esta, ao tornar a si do seu desmaio, abriu uns grandes e belos olhos pretos, cujo brilho lânguido em nada se parecia às chamas cintilantes que despediam continuamente seus vivos olhos, nem tinham aquela força magnética que faziam baixar a vista do mancebo que ousasse

olhá-la fixamente. Sophia acordando-se do seu desmaio lançou um grito oprimido de espanto, ao ver ao pé de si e em sua alcova um homem... E cobrindo com ambas as mãos seu lívido rosto... Prorrompeu em choro... E duas torrentes de abundantes lágrimas aliviaram o seu apreensivo coração.

Carlos chegou-se respeitosamente a ela e disse-lhe:

- Sophia!... Que tendes? Por que estás tão aflita.
- Ah!... És tu Carlos?...
- Sim, sou eu, que venho a...
- Despedir-te talvez...
- Sim, Sophia, é preciso partir... E partir para longe...

Bem longe... Entendes?

– Oh! Meu Deus! Que ideia!

– Sophia... Eu que tenho passado por todas as vicissitudes da vida, que tenho apurado a taça de fel, mais de uma vez, que tenho lançado-me em cem combates, expondo a vida, eu não tenho valor para presenciar com calma e presença de espírito a felicidade de outrem...

- Carlos! Carlos, não magoes meu coração.
- Sophia, tu és mulher, és volúvel, tu enganas-me.
- Oh! Meu Deus, sede testemunha de minhas puras intenções.

– Sophia!

– Mata-me, homem incrédulo, diz o que queres, sacrifica a tua vítima que eu estou resignada a tudo.

E, ao pronunciar estas palavras com força e comovida, levou seu lenço aos olhos para enxugar as lágrimas que lhe corriam pela lívida face.

Carlos cruzou os braços e contemplou-a silenciosamente.

Alguns minutos durou esta cena muda, quando Carlos, de joelhos às plantas da formosa menina, murmurou com voz afetuosa.

– Sophia!

– Carlos!

– Perdoa, eu te amo mais que a minha própria vida.

– Carlos, levanta-te... Esses protestos de nada valem.

– Sophia, compadecei-vos de mim.

– Senhor... Ordeno-vos que vos levanteis, disse a jovem com voz imperiosa.

– Senhora..., bradou Carlos, se abusais de minha posição!

– Sr. Carlos, não abuso, compadeço-me. Parti, senhor, deixai cumprir-se meu triste fado, parti, sede feliz e esquecei-vos da pobre Sophia, que sempre levará gravado em seu coração o nome de Carlos...

– Sophia... Meu anjo... Perdão, perdão pelas ofensas que vos dirigi...

– Carlos, deliras porventura.

– Não deliro... Oxalá, assim fosse, partir... Oh! Sorte

cruel, porque fizeste-me provar a ventura por um momento se ela não havia de ser eterna... Ah! Não... Tudo... A morte, mas partir nunca... Nunca... Nunca.

– Carlos, ânimo, e parti.

– Mulher, eu te amo.

– Mas, meu tio?

– Que importa tudo isso? Eu te amo, é quanto basta, promete-me que serás minha, vem a meus braços, vem ser minha para sempre, minha esposa enfim...

– Ah!... É impossível.

– Como impossível? Não é tua complacência!

– Eu também amo-te e o meu amor é puro e livre... E independente de qualquer ideia de ambição, é um amor santo, mas não serei tua.

– Por quê?

– Porque o destino assim o quer.

– Oh! Mulher! Mulher!

– Fui sacrificada, Carlos, tem piedade de mim, mas não me acuses.

– Oh! Maldição!

– Não blasfemes.

– Mulher ingrata, assim falas.

– Meu Deus! Que triste coalizão.

– Pois bem, vou partir, sim e para bem longe, mas ele também partirá, tu não serás minha, nem tão pouco de

outrem. Ah! José Luiz, tu queres arrebatá-me a mulher a quem tanto amo, mas não o conseguirás, sim, porque não quero... Tu morrerás... Mas, oh!, recordações, e minha irmã, minha pobre irmã, ficará esquecida talvez, não, ele prometeu-me, jurou-me... Cumprirá... Sim, minha irmã será feliz... E tu mulher ingrata... Ficarás isolada, porque eu parto... E para bem longe!...

- Carlos!
- Adeus!
- Quando nos tornaremos a ver?
- Nunca!...

E ao pronunciar esta palavra saltou rapidamente pela janela, lançando um olhar melancólico a Sophia, que depois de exclamar um longo ah! Pôs-se de joelhos e procurou refúgio na oração, bálsamo soberano de quem padece.

Naquele momento, ouviu-se o galope de um cavalo, era Carlos que partia aceleradamente no seu corcel.

Uma densa e negra nuvem envolveu naquele instante a Lua, que se ostentava como uma pérola rodeada de numerosos brilhantes, o céu tornou-se fechado e negro. Tudo era trevas, só uma estrela fulgurava no firmamento, era a única testemunha dos padecimentos de Carlos, poucos minutos depois, desapareceu também.

Era a natureza que se vestia de luto, por tantos crimes que estavam em véspera de cometer-se.

Era o prognóstico do velho Fabiani que estava prestes a realizar-se.

Um trovão ressoou ao longe, o relâmpago iluminou as trevas, o raio fulminou, era a orquestra do averno que tocava a *ouverture* da tragédia que ia em breve representar-se.

Capítulo VIII

A traição

Estamos numa grande câmara de uma casa situada nos arrabaldes da Vila de Jaguarão.

As janelas estão abertas e por elas entra a luz brilhante da Lua.

Junto a uma mesa coberta de papéis está sentado um homem de cabelos pretos e olhos belos, recostada a cabeça sobre sua mão direita, olha atentamente para algumas estrelas que fulguram radiantes sobre o manto azul do céu. Ao lado de uma escrivaninha, via-se um par de pistolas ricamente recamadas e um agudo punhal de cabo preto e bainha de marroquim azul.

Esse homem que está assim meditabundo é Carlos.

Ele acaba de terminar suas últimas disposições, porque tinha de matar-se aquela noite depois de ver efetuado o casamento de sua irmã com José Luiz, que devia ser às oito horas da noite.

Ora os ponteiros do relógio apenas tinham de dar alguns passos para chegar ao ponto marcado.

Carlos esperava com impaciência a última vibração da

derradeira pancada para ver cumprida a última vontade de seu venerando pai na Terra e depois ir procurar, nos arcanos da morte, a felicidade que lhe negou a vida.

Carlos, que tantas vezes suportava com resignação e valor os reveses da adversa sorte, queria agora fugir do mundo tão somente por imaginar que a desgraça e a desonra vinham a seu encontro...

Não tinha ânimo para suportar as censuras que lhe faziam certos zoilos, que não tendo capacidade para coordenar um parágrafo seguido, cheios de inveja e maldade vão ferir com sua língua viperina a susceptibilidade do homem de letras, chamando-o de plagiário e aplicando outros epítetos dignos de quem os profere... Carlos, não podendo compreender o mundo, ia matar-se.

Dez minutos separavam apenas o ponteiro da hora terrível e fatal.

Carlos examinou minuciosamente as espoletas das pistolas, puxou da bainha o agudo punhal e provando o *temple* da lâmina olhou em redor de si e após levantando-se principiou a passear aceleradamente pela habitação.

Soou a primeira pancada das oito horas. Nesse momento, ouviu-se o galope precipitado de um cavalo, um rumor de passos sentiu-se e, no momento em que no relógio ressoava lugubrememente a última pancada, bateram na porta com toda a força.

- Quem está aí!, gritou Carlos, pegando numa pistola.
- Aquele que esperas!, respondeu uma voz.
- Ah!, exclamou Carlos, entrai, pois, e abriu a porta.

Mas ao achar-se frente a frente com Xisto e Pedro, recuou cheio de surpresa.

Estes traziam uma mulher banhada em lágrimas, inundada em sangue e moribunda em seus braços e, arremessando-a no meio da sala, bradaram:

– Aí tendes a vossa bela irmã pronta para os desposórios.

– Infames! Assassinos! Matastes a minha pobre irmã, a Heloísa... A pobre Heloísa!..., exclamou Carlos, com voz compungente, correndo as lágrimas pelas faces.

– Carlos!, disse Heloísa, com voz agonizante, meu irmão! Fugi, salvai a meu inocente filho, salvai-o do punhal desses facínoras e levai-o a seu pai e meu algoz, ide e dizei-lhe que morro amaldiçoada, mas que no inferno o espero!

– Heloísa!... Juro vingar-te... E, vós assassinos, afastai-vos, deixai a vossa vítima... Deixai-a que abrace seu filho.

– Meu irmão, já é tarde, já o frio glacial da morte apoderou-se do coração, uma espessa nuvem cobre-me a vista, sinto a terra fugir debaixo dos meus pés e elevar-me à mansão onde jaz o nosso venerando e bom pai... Lá rogarei por ti, meu querido irmão, Carlos, adeus, adeus, dá-me tua mão que quero levá-la ao coração.

Carlos estendeu maquinalmente a mão e ajoelhou-se para beijar na testa a sua desgraçada irmã, preparou-se para receber o postimeiro suspiro daquela que tanto tinha amado no mundo e quando os facínoras precipitaram-se sobre ele e, segurando-lhe, fortemente bradaram:

– E tu também prepara-te para morrer, pois é já tarde e queremos terminar nossa tarefa.

– Traidores!, gritou Carlos, com toda a força de seus pulmões, já compreendo o vosso muito digno amo, quer juntar mais algumas vítimas ao seu negro catálogo de crimes; não é suficiente o assassinato do infeliz José Maria Mendes, na noite de 13 de agosto de 1832, que ele em pessoa acompanhado do pardo João Tomás foram perpetrar o crime; não é bastante a morte de David José de Estrela, por vós consumada a mandado dele, não saciam ainda seu apetite sanguinário as perseguições aos cidadãos pacíficos, que são sabedores dos nefandos e negros crimes por ele praticados, não está satisfeito ainda com os roubos que tem praticado e pratica diariamente, como aconteceu há bem pouco tempo com a casa queimada, não está contente ainda com a vida depravada e escandalosa que tem levado com a Maria Paula, e quer para completar a sua vida execranda e maldita o extermínio da família Fabiani... Assassinos... E bandidos...

– Xisto, coragem, disse Pedro.

– Estou pronto, respondeu Xisto.

– Mãos à obra.

Nesse instante um choro de um menino ouviu-se na habitação imediata.

– E ele?..., exclamaram com alegria os facínoras.

– Meu filho! Meu pobre fi..., disse Heloísa, não terminando a frase, porque uma mão férrea oprimiu-lhe a garganta, fazendo expirar a última sílaba. Em seguida, passaram seu longo cabelo em torno do seu alvo pescoço e depois de dar uma laçada, com toda a força deram princípio a obra da estrangulação, poucos instantes depois, Heloísa com as órbitas saltadas e seu rosto desfigurado por tão horrível suplício, exalava o último suspiro.

– Minha irmã, feriram-me, mataram-me..., bradava Carlos, revolvendo-se num lago de sangue que corria pela profunda ferida feita pelo punhal homicida de Pedro.

Um tropel de cavalos ouviu-se na rua e uma voz que cantava a seguinte quadrinha:

Ah! Pobre coitada flor
Como estás tão desfolhada!...
Quem te pôs em tal estado?
Dize-me... Pobre coitada!

Os assassinos precipitaram-se na habitação contígua, ouviu-se um rumor longínquo, depois tudo ficou em silêncio profundo que era só interrompido pelo movimento regular da pêndula.

Abriu-se uma porta e, por ela, entrou José Luiz e, com o sorriso nos lábios apontando para os cadáveres que ali jaziam, exclamou alegremente:

– Minha obra está consumada!

Capítulo IX

A vingança

Declinava a passos rápidos o dia para o seu término.

O fresco da noite fazia-se já sentir, o céu azul perdia já sua transparência e o Sol cansado da carreira diurna baixava do apogeu e desaparecia ocultando-se no Ocidente entre nuvens de ouro e púrpura, lançando seus últimos raios pálidos e descorados sobre a bela Vila de Jaguarão, luzindo sobre os telhados e vidraças como uma despedida melancólica.

A noite principiava a desdobrar seu manto envolvendo tudo nas trevas.

Centenares de estrelas cintilantes mostravam-se já. A atmosfera estava embalsamada de perfumes deliciosos e o zéfiro suave e benéfico trazendo sobre suas asas o orvalho vivificador, sacudia e espargia sobre a rosa emurchecida pelo Sol ardente, reanimando suas forças e dando-lhe nova frescura.

O astro da noite aparecia prateado sobre a fralda da pequena eminência que se eleva à leste da vila e lançava a sua pálida claridade sobre as águas tersas e unidas do tranquilo rio, que parecia uma serpente de prata, deslizando-se suavemente sobre o verde campo.

A natureza assemelhava-se a uma ninfa encantadora reclinada nos braços de um silêncio misterioso.

A habitação do Sr. Félix, situada como já dissemos à Rua do Triunfo, anunciava os preparativos de uma festa, à vista do movimento que ali reinava.

A sala que já conhecemos achava-se iluminada por infinidade de luzes e adornada com esmero e gosto.

Várias pessoas achavam-se ali reunidas, entre elas, uma bela jovem de figura esbelta e majestosa, de uma presença grave, e um rosto puro, desses onde se refletem as sensações, onde o sangue escreve os pensamentos, de olhos grandes e pretos, que expressam a candura de sua alma tão pura, tão casta como um pensamento divino.

Trajava um vestido de cetim branco, com babados de renda de seda da Escócia, uma coroa de flor de laranjeira artificial circundava sua cabeça virginal, coberta de espesso e ébano cabelo, ricos brincos pendiam de suas orelhas e um rico colar de pérolas assestava seu lindo colo.

– Quem é essa flor tão bela como o primeiro raio de um Sol de primavera?

– É Sophia.

– Que preparativos são esses!

– São os preparativos de um casamento.

Em tanto que esperavam ao reverendo vigário da paróquia, que em pessoa vinha celebrar esse santo casamento

instituído pela nossa santa religião, as outras pessoas ali presentes conversavam, riam e folgavam mutuamente.

Tudo era alegria, tudo era prazer.

O Sr. Félix, dono da casa e tio de Sophia, propôs que D. Amélia, amiga íntima de sua sobrinha, cantasse ao piano alguma coisa até chegarem os convidados e o reverendo vigário para dar princípio a cerimônia religiosa.

D. Amélia, depois de algumas escusas, acedeu ao pedido do Sr. Félix, sentou-se ao piano e entoou a seguinte canção:

Por que vives melancólica,
Linda flor do paraíso?
Como não vejo em teus lábios
Aquele antigo sorriso?

O que te fizeram,
Ah! Dize depressa...
Tuas folhas quiseram
Ah! Dize, confessa,
Quiseram arrancar
Ou tuas lindas cores
Quiseram manchar?

Por que hoje essa flor
Vejo emurchecida,
De folhas despidas
Sem ter mesmo cor?

Deposita francamente
Tudo dentro de meu peito,
Pois ele sinceramente
Guardará constantemente
Té mesmo no frio leito.

Como tu também eu choro,
Só esperamos sepultura;
Tu deploras, eu deploro
A nossa pouca ventura.

Sophia permaneceu pensativa durante todo o período do canto.

José Luiz sentado numa cadeira de encosto, imóvel e silencioso, parecia entregue a amargas meditações do futuro, que estampavam em seu coração um pressentimento que, de quando em quando, arrancava de seu peito um suspiro, que parecia ser o último de sua vida.

Os convidados iam em aumento e continuavam todos alegres e animados.

Um relógio deu oito horas, ao ressoar as primeiras vibrações da argentina campainha, José Luiz fez-se lívido e exalou um prolongado suspiro, seu peito bateu violentamente, estremeceu e deixou-se cair abatido na cadeira, submergido num horroroso abatimento.

O ministro do Senhor apareceu no limiar da porta, todos os concorrentes levantaram-se apressuradamente.

O reverendo vigário era alto e magro, de nariz aquilino semelhante ao de Fernando VII, seus cabelos eram brancos como a neve.

– Boas noites, meus filhos, disse o velho padre ao entrar.

– Boas noites, reverendo padre, repetiram todos em coro.

José Luiz estremeceu e saiu do letargo em que jazia, levantou a vista e viu diante de si o reverendo padre, que lhe dizia:

– Então que é isso, compadre? Eis uma das raridades de Jaguarão, ver-se triste o homem que vai sair do estado de celibato e entrar noutra marcado pela santa religião e cheio de esperanças!

– Como, celibato?, reverendo padre.

– Sim, compadre, o estado de celibato é o estado de solteiro.

– Dispensai, senhor, não tinha compreendido.

– Sim, entendo, compadre, lá... Sim... Cá...

Desidério foi
Para Maricá.
Quando voltará?
Lá se avenham lá.

E, oferecendo-lhe a mão para conduzi-lo ao altar, preparado na sala contígua, disse-lhe:

– Vamos, compadre, são horas.

José Luiz apressou-se em aceitá-la e, passando a outra mão pela frente, como para afugentar uma ideia que o atormentava, se dispôs a marchar, assim como todos os convidados, quando se abriu a porta do corredor e apareceu,

no limiar dela, um homem embuçado em um comprido capote, trazendo nos braços uma criança.

– Suspendei, reverendo senhor, bradou, o embuçado com voz sepulcral, suspendei, porque ainda falta uma testemunha!

Todos os concorrentes dirigiram suas vistas ao incógnito.

José Luiz tremia como se tivesse ouvido sua sentença de morte.

Sophia ficou pálida como uma estátua.

D. Félix, dirigindo-se ao desconhecido e com voz imperiosa, interrogou-lhe:

– Quem é que assim entra em minha casa?

– É o gênio da vingança, que vem cumprir a missão que lhe foi encarregada pelo moribundo no leito da dor, é o anjo salvador, que vem livrar das garras do abutre uma inocente vítima, respondeu o embuçado com toda a pausa.

– Mas vosso longo capote.

– Ah! Compreendo, quereis que mostre meu rosto? Pois aí o tendes. E, dizendo isto, o recém-chegado descobriu seu rosto.

– Que vejo?, exclamou espantado José Luiz, Carlos?

– Carlos, o irmão de Heloísa?, repetiram algumas vozes.

– O irmão de Heloísa, disse Carlos com ironia, dessa infeliz que esse infame seduziu e que, para ocultar seu crime, decretou o extermínio da família Fabiani, fazendo apunhalar até a inocente criança.

– Que horror!, prorrompeu todo o auditório.

– Sim, senhores, continuou Carlos, a desgraçada Heloísa já não existe, porque ontem foi vítima do punhal homicida de Pedro e Xisto e eu venho hoje a cumprir um dever sagrado imposto nas aras da morte, venho depositar em vossas mãos, José Luiz, o filho de Heloísa!... E, ao acabar de pronunciar estas palavras, lançou por terra, no meio de todos os concorrentes, a criança que tinha nos braços.

– Um cadáver!, bradou José Luiz, com voz rouca.

– Sim, um cadáver que, há poucas horas, exalou o derradeiro suspiro.

– Meu Deus! Meu Deus! Que homem tão infame, exclamou Sophia.

– Eis uma raridade mais de Jaguarão, repetia sem cessar o reverendo vigário, eu sempre digo que esta é a terra clássica das raridades.

– Senhor, será possível que fostes o autor de tão nefando atentado? Perguntou duas ou três vezes o Sr. Félix a José Luiz.

– Senhor, tudo isso é efeito da mais negra calúnia, era a resposta que dava hipocritamente José Luiz ao Sr. Félix.

– José Luiz, disse Carlos, depois de uma pausa, há bem poucos dias, à vista do perigo, tremestes e, para desarmar meu braço vingativo, que estava prestes a terminar essa existência tão carregada de crimes, chorando como uma criança, prometestes uma reparação, prometestes casar-vos com minha irmã e eu, louco, acreditei nessas promessas, louco, mil vezes louco, que me iludi com essas lágrimas de crocodilo, que acreditei no juramento de um assassino, de um ladrão, de um traidor, de um filho maldito!

– Assassino!

– Ladrão!

– Traidor!

– Um filho maldito!

Repetiram várias vozes com espanto.

– Sim, senhores, um assassino, porque foi ele que acompanhado do mulato João Tomas deram fim à existência de José Maria Mendes, cego pelo ciúme que lhe devorava as entranhas, porque foi ele com alguns cúmplices que mandou assassinar o advogado David José de Estrela, porque este tão somente pretendia dar publicidade às infâmias por ele praticadas, assassino ainda, porque sempre acompanhado dos mesmos cúmplices, procuraram todos os meios para tirar a vida ao ilustrado e reto Juiz de Direito desta comarca, o Dr. Holanda Costa Freire, porque este reto magistrado, como fiel cumpridor das leis, com severidade castigava o criminoso,

assassino enfim, porque tentou contra a vida de seu próprio pai.

– Oh infâmia!, exclamaram os concorrentes exasperados.

Um traidor, continuou Carlos, porque abandonou as bandeiras da República Rio-Grandense, sob as quais achava-se alistado, e foi ocultar sua covardia no povoado castelhano de S. Servando, denunciando a seus companheiros e descobrindo os planos de seus superiores, entregando-se de corpo e alma a esse governo despótico e renegando a causa sagrada da liberdade, que, a custo de tanto sangue, os rio-grandenses queriam instalar nesta nossa sempre heroica província.

Que homem tão infame! Era a voz geral do auditório.

José Luiz rugia de raiva, mas não proferia nem sequer uma palavra.

– Um covarde, um ladrão, continuou ainda Carlos, porque nunca teve valor para sustentar o que disse e, nos desafios que teve, fugia ou humilhava-se vergonhosamente; ali estão seus adversários, aí está o exemplo no duelo que teve junto ao cemitério com o cabo Siqueira, do 4º regimento, de onde deu as mais exuberantes provas de covardia, aí estão os Srs. João Francisco Cardoso Brum, alferes Hipólito Ramalho, e certo oficial de marinha, que podem proclamar bem alto a covardia deste homem infame! Covarde, mil vezes

covarde ainda, porque se deixou esbofetear no baile que teve lugar na noite de 6 de setembro de 1836, em casa do comendador Gonçalves.

– Cessai, Carlos, exclamou o Sr. Félix.

– Deixai-me, senhor, desmascarar a um homem que revestido com o manto da hipocrisia tem iludido por tanto tempo a sociedade jaguareense.

– Sr. Carlos..., repetiram em coro os convidados.

– Meu afilhado, disse o vigário.

– Carlos, exclamou Sophia, com voz suplicante e comovida.

– Por Deus, deixai-me falar, os momentos são preciosos, porque em breve irei reunir-me com meu venerando pai e minha infeliz irmã.

– Como?

– Esse assassino, que se eu há oito dias tivesse atravessado seu coração com meu punhal teria evitado um crime.

Confiado em seus juramentos, esperei-o ansioso... O relógio deu oito pancadas, era a hora marcada por esse miserável para desposar a minha irmã... Bateram na porta, iludido com suas promessas fui apressurado abrir a porta... Mas oh! Traição horrível!... Quatro facínoras já tinham invadido a minha casa e traziam a minha desventurada irmã inundada em lágrimas e banhada em sangue... Fiz tudo

quanto pude para defendê-la, mas eu era só e eles eram quatro, era já tarde, porque seu coração estava ferido e seu sangue corria abundantemente e quase exangue me disse estas palavras: “Carlos, salva meu filho e leva a seu pai e meu algoz, e dize-lhe que morro amaldiçoada, mas que no inferno o espero.”

– Carlos, não despedaces meu coração, bradou José Luiz, com voz terrível e desesperada.

– Os facínoras, prosseguiu Carlos, tinham ordem de exterminar a família do capitão Fabiani, e o filho de José Luiz também era desse número, defendi-o, pude arrancá-lo da ponta do punhal dos assassinos, porém hoje receoso talvez do futuro que lhe esperava, exalou o último ai, mas eu cumprindo a missão que me foi imposta, vim depositá-lo às plantas de seu pai... Agora posso morrer... Sim, morrer... Porque o ferro também feriu-me e feriu-me de morte.

– Ferido, meu Deus!, exclamou Sophia com expressão dolorosa, dirigindo-se ao mancebo.

– Sophia, minha Sophia, tuas palavras foram um bálsamo vivificador que derramastes sobre o meu ferido coração.

– Meu afilhado, disse o vigário, estais prestes a entregar vossa alma ao Senhor, vinde comigo a essa habitação imediata, de onde em silêncio podeis dirigir vossas orações ao ser eterno e morrer como bom cristão.

– Deixai-me, reverendo senhor, cumprir minha missão, aqui devo ficar, aqui devo morrer.

– Morrer?, disse Sophia com ternura e compaixão, levando aos olhos seu alvo lenço para ocultar uma lágrima que rolava suavemente pelas faces.

– Sim, Sophia, vou morrer, porque assim determina a vontade de Deus, mas o que é a morte para ser tão temível? Morrer!... Essa ideia, que faz tremer aos homens mais valentes, me causa prazer. Porque a mulher a quem amava, enquanto meu coração batia cheio de vida, nunca verteu uma lágrima por mim e desprezava meu amor tão puro, tão santo, e dedicava-se a um ente vil e rasteiro, que não conhecia esse sentimento nobre, que pulula no coração humano, e unicamente dominado pela ambição e o interesse ia hoje consumir o ato solene, que devia ter lugar nesta casa.

– Carlos, eu sempre te amei, exclamou Sophia, sufocada em pranto, não sejas injusto.

– Sophia, não magoes meu coração com as reminiscências de melhores tempos.

– Mas tu me calunias na hora da morte.

– Não são calúnias. Tu ia casar-te com José Luiz, não é verdade?

– Sim, Carlos, mas meu tio...

– Ah, Sr. Félix, Sr. Félix!, bradou Carlos, rugindo os dentes de raiva e segurando fortemente o braço do Sr. Félix,

ias sacrificar vossa sobrinha, ias entregar essa vítima inocente nas garras dessa fera para ser despedaçada e lançada ao ludíbrio da sociedade, como foi Heloísa... Sr. Félix, fostes cúmplice no atentado de sacrificar vossa sobrinha nas aras de uma louca e cega ambição...

– Senhor!!

– E vós, José Luiz, que seduzistes minha irmã, que apressastes a morte do velho Fabiani, a quem deveis talvez a posição que ocupais, pois ele vos tirou do pó em que jazíeis e vos livrou muitas vezes da vergonha no decorrer de vossa vida devassa e dissoluta, quando, como cadete, tão pouco honravas tua farda, senão que o digam as vidraças do cirurgião Tomás; que o diga o Nunes, e ainda quereis agora roubar-me a mulher a quem amo mais que ao próprio Deus, por quem suspiro e por quem bate ainda o meu coração. Oh! Isto é muita infâmia!... Mas que se pode esperar de um filho maldito... De um filho que tentou contra a vida do autor de seus dias, de um venerando velho, que no leito da dor sofria continuamente, esse filho ingrato... Essa hiena... Sedente de sangue... Com sua mão assassina, feriu o rosto do velho pai, porque ele não acedeu a um seu pedido... E o ancião, erguendo-se então, teve força suficiente para lançar a maldição a seu ingrato e infame filho José Luiz!...

– Isto é uma calúnia infame, disse José Luiz, com tom ameaçador, meus senhores, esse homem mente.

Ao ouvir essas palavras, Carlos levantou a mão e o maior dos insultos ia estampar-se no rosto de José Luiz, se o Sr. Félix não detivesse o braço do mancebo.

– Senhor, um desmentido é uma coisa que nenhum brasileiro deve tolerar e José Luiz é um covarde, se não aceita uma das pistolas que aqui trago, e lançou aos pés de José Luiz uma das que trazia consigo.

José Luiz apressurou-se a levantá-la.

– O que isto é, senhores, respeitai minha casa?, bradava o Sr. Félix, com toda a força de seus pulmões.

– Deixai-os!..., diziam algumas vozes.

– Suspendei-os!, diziam outros.

As moças aterradas fugiram para a habitação contígua.

Os adversários estavam a cinco passos de distância, dois estrondos se ouviram... A fumaça envolveu ambos os combatentes. Quando se dissipou achava-se Carlos estendido no soalho, revolvendo-se num mar de sangue e José Luiz com o joelho em terra, armado de um agudo punhal contemplava sua obra.

– Maldição!, exclamava Carlos, na agonia da morte, maldição sobre ti, homem infame... Eu morro, mas estou vingado, porque arranquei a máscara que cobria esse rosto hipócrita... Ah!... Eu morro... Sophia... Vem...

A bela menina que tinha se retirado para o quarto imediato, ao ouvir essa voz, lançou-se apressurada à sala e, de joelhos ao pé do corpo quase inanimado de Carlos, levantou-lhe a cabeça, afastou seus negros cabelos do rosto e estampou um prolongado beijo na fronte moribunda do infeliz mancebo.

Carlos abriu os olhos e, ao ver Sophia, um sorriso pousou em seus lábios e fazendo um esforço pronunciou o nome da jovem, apertou sua mão, olhou para o céu e depois entregou sua alma ao Onipotente.

Sophia, ao sentir o frio glacial das mãos de Carlos, deu um grito de dor e caiu sem sentidos.

Uma exclamação de horror partiu de toda assembleia. Todos fugiam do contato de José Luiz, mas nenhum lhe dirigiu a palavra. Poucos minutos depois a sala estava solitária. Só se achava ali os cadáveres de Carlos e do filho de Heloísa. Sophia inanimada e José Luiz de pé firme contemplando sua obra.

O céu, tão límpido poucas horas antes, estava negro e fechado, ouvia-se longínquo o rebombar do trovão, que acompanhado da luz rápida dos relâmpagos anunciava ao mundo o anátema por Deus lançado sobre o homem maldito.

EPÍLOGO 1855

Capítulo X

Dez anos depois

Dois lustros tinham-se passado depois dos acontecimentos tétricos que narramos nos artigos antecedentes.

José Luiz, no apogeu de sua glória, tinha-se esquecido inteiramente de seu último crime e, satisfeito e tranquilo, parecia um homem de consciência sã, que não tem remorsos que devorem o coração.

José Luiz, depois do assassinato de Carlos, tomou estado com a filha de uma pessoa com quem ele entretinha estreitíssimas relações. Depois de transformar-se em chefe de família, a todo o transe, procurou os meios para obter os primeiros empregos da terra e assim foi. Na época em que passam as cenas que descrevemos neste capítulo, José Luiz era um *pluribus unus*, era um compêndio de empregos e fazia ainda bem pouco tempo que, para assumir um novo emprego criado pelo governo em Jaguarão, até converteu-se em vil e rasteiro denunciante.

Todos os nossos leitores talvez não conheçam a posição de Jaguarão, mas muitas vezes terão ouvido dizer

que a proximidade do estado limítrofe e a colocação do povoado do Arredondo, na margem oposta do Rio Jaguarão, sentinela ativa e avançada dos depósitos de fazendas de Montevideu e a teima de nosso governo em não querer conceder, para a província do Rio Grande do Sul, uma tarifa especial, cedendo continuamente franquias ao Estado Oriental, tudo isso contribuía a que as margens do belo e aprazível Jaguarão fossem o foco de continuado contrabando.

O Sr. Cipriano Gonçalves, coletor das rendas provinciais em Jaguarão, naquela época, fazia todos os esforços para evitar e esmagar esse cancro roedor das nações, mas era impossível, porque o pessoal de empregados era diminuto.

José Luiz, qual tigre, sempre à expectativa e à espera da presa, aproveitou esse ensejo; levou uma denúncia contra esse distinto brasileiro; o governo, crédulo e condescendente, não trepidou na empresa e, sem mais averiguações, tratou de todos os meios para perseguir ao fiel servidor e prestar favores ao traidor, ao assassino e ao denunciante.

E, com efeito, o Sr. Cipriano Gonçalves foi processado e vilmente caluniado, mas sendo esse nefando processo submetido ao santo tribunal da opinião pública, foi unanimemente absolvido. O governo, então, em remuneração, nomeia-o administrador das diversas rendas da nova mesa que pretendia estabelecer em Jaguarão..., mas esse governo,

novamente iludido com as denúncias de José Luiz e seus satélites, demite-o.

Achava-se neste estado de coisas Jaguarão, quando o Dr. Manuel Pereira da Silva Ubatuba solicita na assembleia provincial a elevação de categoria de cidade à Vila do Espírito Santo de Jaguarão, assim foi; junto com essa nomeação, aportou às plagas de Jaguarão outro ramo de progresso – uma imprensa –, esse órgão da civilização do século XIX ia elevar sua voz naquele belo torrão.

Os prevaricadores aterrados e receosos de verem-se perseguidos por esse facho luminoso, advogado da causa da justiça e da verdade, não trepidaram em lançar mão de todos os meios para fazer desaparecer daquele lugar essa terrível trombeta da propaganda universal.

Um cidadão liberal e independente era o proprietário do novo jornal que ia publicar-se, cidadão assaz conhecido pelos seus valentes artigos...

.....

Surgiu o Sol do grandioso dia sete de setembro e com ele o primeiro número do *Jaguareense*; o povo da heroica sentinela da fronteira recebeu com os braços abertos o defensor de seus direitos e, de hora em hora, inumeráveis foguetes subiam ao ar saudando o novo órgão da imprensa livre, instalado na nascente e bela cidade de Jaguarão.

José Luiz, escumando de raiva, contemplava estático todo aquele entusiasmo e, passeando a passos acelerados por uma das habitações de sua morada, premeditava um novo atentado para fazer desaparecer o homem que vinha opor-se como uma barreira invulnerável a sua marcha de prevaricação, depois de muitos e prolongados passeios, deteve-se um momento e exclamou:

– Sim, ele é fiel, cumprirá sua missão. Depois tocando uma campainha, esperou por alguns instantes um fâmulos.

– Senhor!, disse um escravo que apareceu no limiar da porta.

– Vai chamar o mulato Albino, mas ligeiro, e diz-lhe que tenho que falar-lhe sobre um negócio de muita importância.

– É escusado ir procurá-lo, disse um pardo de bonita figura, que entrou naquele momento, vestia além do traje campeiro um poncho de fustão branco.

– Albino!

– Ele mesmo, Sr. José Luiz.

– Preciso hoje muito de ti.

– Estou às suas ordens.

– Achas-te com coragem para matar um homem?

– Senhor, que pretendeis fazer?, exclamou o mulato, recuando um passo.

– Pouca coisa, continuou José Luiz, com toda a

pausa de um domine franciscano, pouca coisa, a morte do redator do *Jaguareense*.

– Que dizeis, senhor? Então exigis de mim esse atentado!?

– Sim, e espero que seja cumprido ao pé da letra.

– Senhor!... Estais caçoando comigo.

– Albino, não te alteres, a tarefa não é difícil e depois podes contar com o meu valimento... Meu prestígio... Minha proteção.

– Sr. José Luiz, eu me retiro, não posso tolerar...

– Espera e escuta.

– Não, senhor,... Até logo.

– Albino, escuta, eu te suplico.

– Vá lá, disse o mulato, mudando de tom e assentando-se numa cadeira próxima a José Luiz.

– Tu sabes, Albino, que hoje deve ter, em nosso pequeno teatro, um espetáculo para festejar o aniversário da emancipação política da terra de Cabral, para cujo fim reuniram-se alguns afeiçoados à arte dramática e levam à cena o drama *Irmã do Cego* no qual faz um dos primeiros papéis a pessoa que desejo lhe tires a vida.

– Continuai, senhor.

– Vês, pois, que a ocasião é propícia e, portanto, espero que à saída do teatro tu me salvarás, livrando-me desse homem que a ira de Deus lançou a nossas plagas, para

a minha perdição.

– Sim, senhor, refletirei, disse Albino, preparando-se para sair.

– Como refletir, então, não te decides?

– Talvez, Sr. José Luiz, até logo... Então sabereis o resultado da empresa.

– Adeus Albino e, avançando um passo para o mulato, apertou-lhe a mão em prova de amizade, adeus e sê feliz.

– Obrigado.

.....
Era meia-noite... O céu puro e sereno mostrava milhares de estrelas, que resplandecentes rutilavam, uma viração tépida soprava suavemente, embalando as folhas das árvores formando um sussurro agradável.

Tinha terminado naquele instante o espetáculo e uma imensa concorrência saía do teatro.

Pela Rua do Triunfo acima, ia um grupo composto de algumas senhoras e cavalheiros, entre eles ia um moço alto, de negro e longo cabelo, seu rosto estava em parte coberto por uma preta e espessa barba, seus olhos grandes, iguais ao azeviche, achavam-se cobertos por uns óculos de engaste de ouro. Marchava tranquilamente o grupo, quando ao chegar à esquina da Rua das Trincheiras um vulto aproxima-se desse moço de longo cabelo e diz-lhe rapidamente essas palavras:

– José Luiz mandou matar-vos hoje, não tive ânimo para cometer esse crime, portanto deveis ter toda a precaução e cuidado! E muito cuidado.

– Quem sois vós que assim me falais.

– Sou o mulato Albino, e ao pronunciar seu nome partiu rapidamente.

– Infame!, bradou o homem de cabelos compridos, ah! José Luiz, queres guerra, pois guerra seja, e guerra de morte!

.....

Era o primeiro dia, do duodécimo mês do ano.

A nova cidade de Jaguarão, tão bela e tão florescente, há tão poucos meses achava-se solitária e deserta, por toda a parte viam-se famílias chorosas, envoltas em negro crepe, ouvia-se tão somente os gemidos prolongados, os ais lastimosos que despediam as centenas de vítimas, que jaziam no leito da dor no meio de terríveis torturas e sofrimentos.

Mas que é o que acontecia que tudo era luto, desolação e pranto. Era que um hóspede, vindo a passos acelerados de longínquas e remotas plagas, tinha invadido a animada cidade e os habitantes pacíficos e tímidos, à vista da figura asquerosa e imunda do invasor, fugiram espavoridos a respirar um ar mais puro nas florestas, esse hóspede era o terrível cólera-morbo que a 21 de novembro tinha se desenvolvido na cidade e que, marchando progressivamente, ia assolando e arrastando centenas de vítimas à sepultura.

Corria o dia primeiro de dezembro e a epidemia reinante parecia que tinha desenvolvido naquele dia toda sua força, porque às dez horas da manhã cento e tantos atacados tinham já caído. As autoridades aterradas tinham abandonado seus postos de honra e ido ocultar-se nas matas virgens de Taquari no Estado Oriental.

A população da cidade achava-se entregue a si mesma. Desde que Febo mostrara sua rubicunda cabeleira foram conhecidos os disparos de peça, as descargas, os foguetes que subiam no ar, as fogueiras de barris de alcatrão, mas tudo isso não evitava o desenvolvimento do terrível flagelo.

O Dr. José Alves Jacutinga, que há dez noites não pregava os olhos, passava a todo o galope pela Rua Nova com direção à enfermaria estabelecida na sala das sessões maçônicas, quando foi detido por um menino, que envolto em lágrimas rogou-lhe que fosse imediatamente ver uma senhora que tinha sido atacada naquele instante.

O benéfico doutor não trepidou um momento e acompanhou logo ao menino. Depois de andar algumas quadras, chegaram à habitação da enferma.

O filantrópico doutor seguiu o menino, depois de andar poucas quadras, chegaram a uma pequena casa, ambos entraram, aspecto horrível apresentou-se às suas vistas. Em uma cama feita sobre o pavimento via-se uma criatura

humana revolvendo-se cheia de dores, as garras da terrível enfermidade tinham estampado em seu rosto a marca fatal, seus olhos afundados tinham perdido seu brilho natural e umas olheiras pretas anunciavam os sofrimentos daquele corpo, os lábios pálidos e sem cor, o seu cabelo negro e abundante caía solto e flutuante sobre seus descobertos ombros, seu alvo seio em parte descoberto palpitava violentamente, parecia que o coração queria fugir daquele lugar que tanto sofria, suas mãos frias como o mármore estavam descarnadas... Enfim, ninguém conheceria naquela mulher que se debatia com a morte, abandonada por todos, e esquecida do mundo, ninguém conheceria naquela infeliz, a bela e espirituosa Sophia, que, quando cheia de saúde, tantos adoradores tinha às suas plantas.

O doutor, depois de examinar a enferma, abanou a cabeça, como sinal de pouca esperança.

– Meu filho, não há ninguém mais nesta casa?

– Não, senhor, todos foram hoje para fora e não levaram a prima porque se sentiu doente.

– Meu filho, tua prima está num estado bastante crítico, o corpo não se pode salvar já, procuremos, portanto, salvar a alma.

– Ah! Meu Deus! Meu Deus!, exclamou o menino chorando.

– Corre à casa do reverendo vigário e dize-lhe que

venha confessar uma doente que está prestes a morrer.

– Água!... Água!, pediu naquele momento a doente com voz agonizante.

– Minha filha, tende paciência, a água vos faz mal...

– Mas tenho tanta sede...

– Bem, esperai... E o doutor dirigiu-se a uma mesa onde achava-se um jarro d'água e um açucareiro, botou num copo duas colheres de açúcar e encheu-o de água, depois lançou lhe dentro umas quinze ou vinte gotas de láudano, de um vidrinho que trazia consigo, mexeu com uma colher e, em seguida, deu à enferma. Esta ao ver o líquido avançou-se a ele e, sem tomar respiração, aspirou até a última gota d'água açucarada que continha o copo e exclamou:

– Meu Deus, que tormentos, um fogo abrasador devora-me as entranhas.

– Minha filha, tende esperanças em Deus, que isto nada será.

– Doutor, se a morte fosse rápida, para mim seria uma consolação, porque me arrancaria deste mundo onde tantos e tantos tormentos passei, mas estas dores... Ai!..., e prorrompeu em pranto.

– Menina... Porque vos entregais assim à desesperação?

– Doutor, eu morro... ai!..., bradou a enferma, sentindo-se atacada pelas agudas e fortes dores produzidas

pelas câimbras. Naquele instante abriu-se a porta da rua e entrou o primo de Sophia, acompanhado do vigário.

– A graça de Deus seja nesta casa, disse o vigário ao entrar.

– Amém!, respondeu o doutor.

– Qual é a pecadora que deseja reconciliar-se com Deus?

– Sou eu, meu pai!, disse Sophia com voz desfalecida.

– Reverendo vigário, disse o doutor, minha missão está terminada, o corpo não é possível salvar, fiz por salvar a alma.

– Doutor, farei por cumprir minha missão.

– Então reverendo, até outra vista.

– Até outra vista.

O doutor retirou-se e o reverendo vigário aproximou-se do leito da enferma e, depois de contemplá-la por longo tempo, disse-lhe:

– Minha filha, o Padre Eterno nos colocou neste mundo para cumprir nosso fado, uns no meio da felicidade passam esse período até render sua alma nas mãos do Onipotente, outros no meio do pesar, da angústia e padecimentos percorrem esse espaço denominado vida, até que são chamados pelo Criador para serem recompensados, vós talvez sejais uma dessas vítimas, que lançada no

turbilhão das paixões, se esquecem dos deveres mais sacrossantos impostos pela sociedade.

– Padre não façais tão má ideia dessa desgraçada...

– Então quem sois?...

– Eu sou uma pobre órfã, que a desgraça imprimiu sobre minha cabeça sua mão de ferro... Sou uma criatura infeliz que, na minha hora última, vejo-me só, abandonada por todos.

– Cinco lustros pesam já sobre meus ombros e foram cinco lustros de mágoa, dores e de penas... Um momento só na minha vida tive de esperanças... Mas esse futuro que me esperava foi-me roubado barbaramente... Ah! Padre... Fostes tão bem testemunha de minha desgraça...

– Porventura sois?

– Sophia, a sobrinha do Sr. Félix.

– Sim, Sophia, a futura de Carlos, a quem José Luiz assassinou!

– E vosso tio, vossos parentes?

– Todos fugiram e, ao dizer isso, seus olhos cessaram de brilhar... Ai! Reverendo!... Ai!... Eu morro...

– Minha filha... Fria... Ah!... E sem socorro.

– Padre... A benção... Carlos... Vou ver-te... José Luiz... Maldição!... E ao pronunciar estas palavras entregou seu espírito ao Padre Eterno.

O vigário cruzou os braços e, depois de contemplar aquele corpo inanimado, exclamou:

– José Luiz, ainda uma vítima tua.

.....

Duas horas depois, uma carreta conduzia vários cadáveres, entre eles ia o de Sophia envolto num lençol, alguns minutos depois era lançado no fosso comum, naquele dia tinham perecido trinta e duas pessoas.

Capítulo XI

Últimas tentativas

Já a preponderância e o abuso despótico tinham feito desaparecer da cena periodística ao liberal *Jaguareense* por meio das perseguições mais vis e mais rasteiras.

O seu redator depois de sofrer nove longos meses de injusta prisão tinha por segunda vez instalado na cidade de Jaguarão um novo órgão da imprensa livre, sob a denominação de *Eco do Sul*. Esse jornal saiu à luz sob os mais belos auspícios, a população em massa de toda a comarca de Piratini abraçou as doutrinas propagadas pelo *Eco* e fazia coro às acusações que eram feitas às autoridades corruptas e prevaricadoras.

José Luiz e seus satélites reuniram-se e deliberaram dar o último golpe, a fim de concluir a existência daquele homem que veio das longínquas plagas, rasgar o véu que cobria tantas infâmias e que tinha sido respeitado por todos os habitantes daquele lugar e, com efeito, idearam um plano excelente.

Corria o 1º de abril de 1857. O astro do dia inundando de luz todas as campinas vizinhas apresentava vistas agradáveis e surpreendentes.

As ruas da nova e florescente cidade, cheias de povo,

achavam-se animadas naquele dia. Por todas as partes, viam-se cruzar grupos de três, quatro e cinco pessoas, cavalheiros armados, soldados, todos percorriam a cidade em todas as direções. As guardas foram reforçadas e, na porta do paço da câmara municipal, foram postados vinte e cinco homens do 3º Batalhão de Infantaria de Linha, comandados por um sargento.

Que acontecia? Por que era aquele movimento?

Era que devia comparecer em audiência, perante o juiz municipal, o defensor dos direitos do povo, o proprietário do *Eco do Sul*. Eram dez horas e os salões do paço da câmara municipal achavam-se apinhados de uma multidão imensa de pessoas distintas e de sentimentos verdadeiramente brasileiros e, na parte exterior do edifício, um concurso numeroso aglomerava as entradas e janelas.

O meirinho deu o sinal de achar-se aberta a audiência do senhor juiz municipal; este tomou assento, era um homem de estatura regular, de cabelos ruivos e curtos, olhos *grisâtres*, e, apesar de contar perto de quarenta janeiros, não tinha indícios de barba.

Depois de alguns momentos de silêncio, o tabelião principiou pela leitura do processo, o que foi interrompido algumas vezes pelo acusado, fazendo assim desmoralizar com apartes ao juiz e ao tabelião. Depois de correr todas as formalidades exigidas em idênticos casos e de fazer interrogatório ao acusado, o juiz deu a este a palavra para

expor suas razões e alegar os fatos que tivesse.

O acusado, que até então tinha estado sentado e tinha ouvido com indiferença toda aquela comédia intitulada Processo de Responsabilidade, levantou-se, sacudiu sua longa e negra cabeleira, seus olhos se animaram e com voz forte e clara disse:

– Senhores, meus adversários, por meio da calúnia, da intriga e da malvadez, arrastaram-me ao lugar em que me acho neste momento; lugar que devia ser ocupado a longo tempo por eles, pois cada um de meus adversários é um apóstolo do crime, entretanto passeiam publicamente e ocupam os primeiros empregos e são funcionários do governo na heroica terra de Cabral! Isto é uma infâmia, isto é intolerável.

– Eu livre, por natureza, de sentimentos puramente liberais, não pude nem posso ver colocados, em posição honrosa, o homem corrupto e garantido pelo nosso sagrado código. Desmascarei a estes entes sem honra e conduzi-os ao pelourinho da opinião pública, para que ali lhes fosse estampado na fronte o ferrete da ignomínia e do desprezo público... E...

– Calai-vos, senhor!, bradou o juiz.

– Senhor juiz!

– Proíbo-vos que continues a vossa defesa.

– Então cortais o direito sagrado do acusado?

– Ordeno que vos caleis.

– Falai! Falai! Continuai!, exclamaram vinte ou trinta vozes.

– Silêncio!, bradou o juiz e o escrivão ao mesmo tempo.

– Fora juiz!

– Cale-se o tabelião!, foi a resposta do povo.

– Ordem! Ordem!, disseram algumas pessoas influentes que se achavam entre o povo.

– Sim, ordem!, continuou o juiz, senão mandarei postar duas ou três sentinelas entre o povo para contê-lo.

Uma gargalhada geral foi a resposta que teve o juiz; este fez-se vermelho como um tomate, depois, no acesso da cólera, bradou com todas as forças dos seus pulmões.

– Sargento da guarda, mandai colocar três sentinelas no meio desse povo insolente e, à primeira palavra proferida, fazei uso das armas.

Um momento depois, as sentinelas foram colocadas, mas no mesmo instante um movimento geral notou-se no povo e, em seguida, principiou a agitação e as vozes, o juiz pálido como uma estátua nada dizia, o escrivão com um sorriso amarelo nos lábios, arrumava seus papéis, em tanto as bengalas, as cadeiras viam-se erguidas e as vozes de mata! Ordem! Deixem! Ressoavam aos ouvidos. Uns espavoridos fugiam, outros armados de agudos punhais, vieram-se postar ao pé do acusado, prontos a defendê-lo à custa de sua existência.

Entretanto, a guarda ali postada com os braços cruzados observava tranquilamente aquele movimento.

Dez minutos durou a agitação; após ela, o juiz julgou prudente suspender a audiência, o povo vitorioso com entusiasmo conduziu o acusado à casa no meio de vivas e aclamações entusiásticas.

Era este outro plano frustrado de José Luiz.

.....

Estamos na estação mais bela que se pode desejar na nossa província, as árvores todas cobertas de folhas e flores perfumavam os ares com seu delicioso aroma, a temperatura média não oferecia os ardentes rigores no verão, nem o glacial frio no inverno.

Era oito de outubro de 1857. Milhares de estrelas despediam sua luz rutilante alumando as lôbregas e escuras ruas de Jaguarão, iluminadas tão somente pela fraca e débil luz dos lampiões colocados a cem passos de distância um dos outros.

Na habitação próxima à rua de uma casa sita na Rua Direita, achavam-se três pessoas, dois homens e uma senhora. Sentados em linha reta, de frente da porta, perto de suas mesas, escreviam em primeiro lugar, mais próximo a porta, um moço de grandes olhos pretos, cheios de fogo e muito expressivos, de cara um tanto redonda, de cor trigueira cujo lábio superior era coberto por um pequeno bigode preto

e, em seguida, um pouco mais retirado, um homem de longa e preta cabeleira, de negra e espessa barba, e de óculos de engaste de ouro. Eram o redator e o colaborador do *Eco do Sul*, próximo à cadeira do homem de óculos, que era o redator, achava-se sua esposa; era esta uma jovem de vinte a vinte e dois anos, magra de uma fisionomia fina e simpática, de olhos pretos e vivos, de longo e espesso cabelo, tão preto como o ébano, era uma jovem ativa e cheia de espírito, uma verdadeira heroína rio-grandense.

Vibrava ainda a última badalada da sineta do relógio, que acabava de dar oito horas, quando um ligeiro golpe foi dado na porta da rua.

A jovem senhora dirigiu-se à porta, receosa de abri-la, interrogou com viveza:

– Quem é?

– Gente de paz!, foi a resposta que deram de fora.

– Abre mulher!, exclamou o redator, sem sequer erguer a cabeça. O jovem colaborador continuou na sua tarefa.

A senhora abriu então a porta, mas apenas ela deu princípio à obra, ouviu-se um estrondo formidável e, em seguida, ressoou um agudo ai! Era a senhora, que cheia de surpresa e de espanto, tinha caído desmaiada aos pés dos dois assassinos, que armados de bacamartes, tinham disparado contra os dois escritores.

O susto e, talvez, os remorsos fizeram os facínoras

errar o golpe, indo a bala enterrar-se na parede, um palmo acima da cabeça de ambos.

Poucos minutos depois de todos os ângulos da cidade corriam grupos de pessoas amigas, que vinham certificar-se da verdade.

Fizeram-se todas as pesquisas, porém não se pode descobrir o perpetrador do crime, a voz pública, porém, apontava como autor mandatário a José Luiz!

Entretanto, foi outra tentativa frustrada de José Luiz e que ele contava com sua realização, foi ainda um desengano terrível para o filho maldito.

Capítulo XII

A justiça do Céu

A aurora do dia 11 de junho de 1858 tinha por fim despedido aquela horrível noite, testemunha da execução de tanta infâmia e tanta maldade em combinação com todos os meios baixos e vis.

A branca luz dessa pudibunda beldade dos céus, que, bela e risonha, se desperta para anunciar a vinda do rei dos astros, não podia com o suavíssimo raio de seus olhos iluminar os corações desses entes que envoltos nas trevas iam cometer um crime, vender sua consciência!

Adormecida a bela cidade de Jaguarão, sobre essa margem imensa do prateado e tortuoso rio, parecia que queria resistir às horas de movimento e de vigília que lhe anunciava o dia. As suas ruas, tão transitadas toda aquela noite achavam-se desertas.

Uma dessas brisas do sudoeste, sempre tão puras e tão frescas nas zonas meridionais da América, purificava a nova cidade dos vapores úmidos e espessos da noite.

O Oriente, sobre o horizonte das verdejantes coxilhas, o manto anilado dos céus, agaloava-se de nácares e ouro à proporção que a aurora subia sobre seu carro e as últimas

sombras da noite amontoavam, no Ocidente, os derradeiros restos de seu extinto império.

E neste instante em que a aurora despontava no céu, como se vê no princípio deste capítulo e, em que o silêncio e a escuridão da cidade eram apenas interrompidos pelo doce trinar dos passarinhos, um homem um tanto alto, sua cabeça e barba já quase tanto carregada de cãs ostentando na sua fisionomia uns cinquenta ou cinquenta e cinco anos de idade, caminhava pela Rua do Comércio, apoiando-se magistralmente na sua bengala, marchando com tal compasso e gravidade, que parecia ter saído de sua casa a essa hora para respirar o ar puro da manhã. Esse homem era José Luiz.

Percorreu nessa marcha a Rua do Comércio, quebrou pela Direita e dirigiu-se à Praça da Matriz, chegando à parte leste da praça, tirou o chapéu e pôs-se a passar a mão pelo cabelo, como fazem algumas pessoas no rigor do verão, depois olhando à direita e à esquerda, e tendo-se convencido de que não havia alma viva no largo, nem nas ruas próximas, chegou a uma porta e bateu dando três golpes seguidos.

Depois de cinco minutos de espera, abriu-se a porta e apareceu no lumiar, envolto num longo robe de chambre, um moço de olhos vivos e bigodes tesos e afiados, belos e alvos dentes.

– Olá, senhor doutor, vos pilhei ainda na cama.

- Sr. José Luiz!
- Sim, doutor. Não preguei olhos toda a noite, mas creio ter conseguido tudo, hei de dar com esses patifes na cadeia.
- Então que há de novo?
- Esta noite percorri todas as casas dos jurados, que devem hoje funcionar, ia acompanhado do Jerônimo e, à força de pedidos, empenhos, súplicas, choros e ameaças, consegui deles que hoje condenem a esse *castelhanito*.
- E?
- Prometeram-me... E... Cumprirão, senão... Qual deles!... Assim, pois, a defesa...
- A vossa defesa, deve ser uma acusação.
- Mas, senhor...
- Prometestes coadjuvar-nos.
- É verdade... Porém.
- Não há escusas.
- É que...
- Adeus, doutor, até logo, e dizendo isto José Luiz continuou seu passeio pausadamente, e o doutorzinho tornou a fechar a porta.

Depois de percorrer as mesmas ruas por onde há pouco tempo tinha passado, chegou à sua moradia na Rua do Comércio, ali se achavam reunidas sete ou oito pessoas.

- Bons dias, José Luiz, disse um homem gordo e

corado, de barba e longo bigode ruivo.

- Bons dias, Jerônimo.
- Como vamos de cabala.
- Perfeitamente, e a ti?
- Ótimo.
- O Polídoro está conosco.
- Hum! Duvido, e o Chico?
- Esse está duvidoso.
- E tu que pretendes fazer?
- Eu, se entrar no conselho, faço o diabo, asseguro-te

que chucha o grau máximo.

- Bravo!, disseram os concorrentes.
- Eu estou disposto a tudo, apesar de ter tido muitos empenhos, nada me faz recuar de minha intenção.

– Eu, disse José Luiz, se ele for condenado como espero, ali mesmo, quando vier a decisão da sala secreta, lavro-lhe o perdão.

– Como?

– Sim, quero que o povo veja que sou generoso, que não sou vingativo, e que se dei esse passo foi tão somente impellido pela justiça e para livrar o meu nome dessa mácula que este rapazola lhe quis lançar.

– Que hipócrita!, disse um velho que estava na roda.

– É preciso que o povo de Jaguarão me venere e, por isso, devo praticar atos filantrópicos, que façam produzir a

estima no ânimo do povo.

– E quando entra o outro em julgamento?

– Amanhã ou depois.

– Para então, sim, e preciso envidar todos os esforços.

– Sim, sim, antes a morte que a absolvição deste homem.

– Não faleis em absolvição, disse José Luiz, pálido como uma estátua, essa ideia me faz desesperar, oh, isso seria horrível!... Ah!...

– Que é isto José Luiz, que é isto, estais incomodado?

– Não é nada, é um incômodo passageiro, tantas noites sem dormir, um pouco de repouso bastará.

– Então até logo, José Luiz.

– Até logo, senhores.

– Adeus.

.....

Eram dez horas da manhã e, no paço da câmara municipal, achavam-se já reunidos os cidadãos que deviam compor o júri que naquele dia devia funcionar. Perante essa santa instituição dos povos livres ia comparecer um escritor público, acusado de abuso de liberdade de imprensa.

O júri leal e verdadeiro é juiz do povo.

O jurado verdadeiro, o jurado tal como o concebe a

razão, como o quer a justiça e a moral aprova, é a reunião de um número determinado de cidadãos com as qualidades que exigem as leis e, designados pela sorte, para decidir segundo sua consciência, e às luzes de seu entendimento.

E quantos homens iam naquele dia ocupar o assento sagrado do tribunal do povo, cujo coração corrupto e cheio de vícios não sentia já a voz da razão e que, por um punhado de metal luzente, venderam sua consciência e iam condenar a um inocente por mero capricho de seu senhor.

Eram dez horas, quando compareceu o réu, todo vestido de preto, o jovem escritor, cintilavam-lhe radiantes seus pretos olhos, e, ao sentar-se no escabelo dos réus, olhou com indiferença e desprezo para seus inumeráveis inimigos que se tinham ali aglomerado para presenciar a sua sentença de condenação.

Os salões, habitações, pátio e exterior do paço achavam-se prenhes do povo que vinha ávido por ver o desfecho de tão negro e nefando atentado de perseguição. Entre eles viam-se muitos amigos que sob as capas traziam ocultos agudos punhais, e preparadas e bem cevadas pistolas, e por um sinal combinado deram a entender ao réu que estavam prestes a derramar seu sangue ao primeiro sinal.

José Luiz e seus satélites percorriam todas as habitações e, fixando suas vistas aterradoras sobre os jurados, davam a sentir claramente que sua presença ali era

para recordar algumas promessas.

Chegou o momento de abrir a sessão, procedeu-se ao sorteamento dos jurados que deviam formar o conselho, foram recusados vinte e um jurados por ambas as partes.

Os doze juízes de fato que ocuparam a mesa central e que tinham de decidir da sorte do escritor estavam já colocados em seus assentos e, dentro de poucos minutos, ia dar princípio à leitura do processo pelo respectivo escrivão, quando José Luiz chegando a uma das portas do salão onde se achava o conselho e, lançando uma rápida vista sobre eles, disse alegremente para aquele juiz que tinha presidido a sessão de 1º de abril de 1857.

- Está condenado o *castelhanito*, dez são meus.
- Contais isto com seguridade.
- Olé se conto.
- Então hoje receberá o pago de seus escritos, o velhaquete.
- Não, mas sabes que eu tenho já escrito o seu perdão e, em público aqui, perante este mesmo tribunal, será lido, e o público então entusiasmado me coroará de louros.
- Não conteis com a pele do urso antes de matá-lo.
- Deixa tudo a meu cuidado.

Nesse intervalo, o escrivão tinha dado princípio a leitura do processo, em seguida a promotoria pública fez a acusação, o defensor do réu, aquele doutorzinho que temos

visto falar com José Luiz, produziu a defesa, fugindo inteiramente da questão, em seguida, o advogado do autor fez segunda acusação, tornou a tomar a palavra o defensor para fazer a réplica, em todas essas formalidades chegou às sete horas da noite, hora em que o conselho dos doze retirou-se para a sala secreta, com os quesitos feitos pelo juiz presidente do conselho.

Meia hora depois já tinha terminado a conferência. O povo ávido para saber o resultado daquelas maquinações de José Luiz aglomerou-se em torno da cadeira do juiz e do conselho, cujo presidente apressou-se em ler a decisão seguinte:

“Quanto ao primeiro quesito: não, por oito votos; o réu não caluniou por meio de papéis escritos a José Luiz e outros, atribuindo-lhes o crime de concussão.”

“Quanto ao segundo quesito: não, por oito votos; o réu não caluniou atribuindo aos referidos autores desvios de dinheiro público.”

“Quanto ao terceiro quesito: não, por oito votos; o réu não caluniou atribuindo aos autores má fé e convênios.”

“Deixam de ser respondidos os mais quesitos, por ficarem prejudicados com a decisão dos três primeiros quesitos.”

“Sala secreta do conselho de jurados, 11 de julho de 1858, etc. etc.”

A vista desta decisão, o juiz de Direito, presidente do tribunal, lavrou o veredicto de absolvição concebido nestes termos:

Sentença

“À vista da decisão do júri, absolvo o réu do crime por que foi acusado e condeno os autores nas custas. Sala das sessões do júri, 11 de junho de 1858. Ribeiro.”

Um rumor surdo se fez ouvir em todos os ângulos do passo, a alegria reinava no coração de todo aquele povo ali reunido.

José Luiz, escumando de raiva, saiu acompanhado de seus satélites bradando:

– Traidores! Amigos falsos, venderam-me, mas ah! Eu me vingarei!...

– Não te disse, que não contasses com a pele do urso antes de possuí-lo, disse um dos amigos de José Luiz.

– Deixa-me, tu também és um ingrato.

– Homem, essa é boa, assim tratas hoje a teus amigos.

– Perdão, meus amigos, não sei o que faço... Esses jurados... Esses vis... Não, isto não pôde ficar assim, apelarei, lá na relação, não há traidores e, depois o meu dinheiro, o cofre, o contrabando...

– Sim, o nosso dinheiro, bradaram os amigos de José Luiz...

Neste momento, chegaram à casa de José Luiz, de onde saía um negro carregado de foguetes, José Luiz ao avistá-lo bradou com toda a força.

– Maldito! Onde vais?

– Senhor, vou para a câmara que manda o Sr. Rosas...

– Some-te de minha presença...

– Senhor!...

– Ainda estás aí, maldito?

O negro tornou a entrar com os foguetes que levava para a câmara, a festejar a condenação do jovem escritor.

O réu, acompanhado de imenso povo, foi conduzido à sua casa no meio de estrepitosos vivas de sinceras felicitações e parabéns.

Foi este um novo descalabro e um plano ainda frustrado de José Luiz.

.....
Três dias depois, José Luiz viu cair a última folha da árvore da esperança, ao sopro do vendaval do desengano, viu frustrar-se seu último plano, eis o que disse o *Eco do Sul*:

“É sob a impressão de bem diversos sentimentos que traçamos essas linhas para descrever o que anteontem se presenciou por ocasião de sermos submetidos ao tribunal do júri, que devia julgar-nos em processo de crime de calúnia que nos instaurou José Luiz”.

“Dois dias antes, o nosso colega e companheiro na árdua tarefa que nos impomos, acusado e processado pelo mesmo crime e pelo mesmo autor, havia sido absolvido pelo mesmo tribunal que nos ia julgar e essa absolvição que surpreendeu a nossos inimigos, porque contavam com o fiel resultado de uma forte cabala, a tal ponto os exacerbou, que assentaram não recuar ante meio algum, para que não falhassem seus planos e a nossa condenação coroasse os desejos que alimentavam.”

“Afrontando os efeitos de uma caprichosa e tenaz enfermidade, que a seis longos meses nos acabrunha, com o coração ainda dilacerado pela dor da perda que há um mês sofremos, coberto do crepe e luto que todos os dias nos aviva essa recordação, e nos sangra as feridas ainda recentes, ouvindo ainda os sons lúgubres do campanário que nos chamava a entoar os salmos de misericórdia junto à campa do sincero amigo que perdemos, lutando, finalmente, com todos esses e outros sentimentos dolorosos, que mais se agravam, com a ciência que a tínhamos dos meios que se empregavam, para obter-se uma condenação contra nós, comparecemos anteontem à barra do tribunal, que devia julgar-nos.”

“Compareceram apenas quarenta e três jurados, faltando cinco.”

“Procedendo-se ao sorteio dos doze juízes de fato, deram-se vários comentários, recusando por nossa parte

doze, por parte dos autores doze, juraram suspeição sete, excluído por erro de nome um, por impedimento três, compondo o conselho tão somente oito senhores jurados.”

“Em consequência, por ser o último dia de sessão, e não ser permitido, pela lei, sortear-se suplentes, o doutor juiz de Direito, fazendo ver isso ao tribunal, declarou que de acordo com a lei adia o julgamento do nosso processo para a próxima sessão do júri”.

Eis como, em poucas palavras, o *Eco do Sul* narrou essa cena que ainda foi uma lição de desengano para José Luiz, pois apesar de perjurar por mais de uma vez seus cúmplices, nada conseguiu e não levou a fim tão negro atentado.

José Luiz não esperava esse desfecho, surpreendeu-se e afetou-lhe tanto esse resultado que sua moral sofreu de tal maneira que a voz pública dizia que José Luiz num acesso de loucura tinha querido lançar-se ao arroio.

Pobre homem, era o castigo do Céu, que principiava a ser aplicado ao filho maldito, depois de uma vida cheia de crimes, prenes de acontecimentos nefandos, depois de uma longa série de infâmias.

O castigo do Céu anunciava-se patente já na perda da razão de José Luiz, queira Deus que não seja este o único.

Capítulo XIII

Ainda a justiça do Céu

Ribombavam fortemente os canhões saudando o astro benfazejo que precede a liberdade, ouviam-se os hinos entoados à casta Deusa, acompanhados dos sons harmoniosos que ao ar se elevavam solenizando o aniversário da independência do Quinto Império.

Corria placidamente o dia sete de setembro de 1858 e toda a povoação de Jaguarão e de seus arredores achavam-se entregues ao entusiasmo inspirado pelas recordações daquele dia.

Por toda a parte, ouviam-se cantos patrióticos que enchiam a alma de entusiasmo, porque eram santas inspirações, expressões nascidas de corações liberais e patrióticos.

Em tanto que por toda a cidade reinavam prazer, alegria e o entusiasmo. Numa casa situada na Rua do Comércio, via-se a desesperação, a tristeza e o luto.

Sobre uma mesa coberta com um tapete de damasco via-se o corpo inanimado de uma criança de cinco para seis anos, que tinha sido vítima das chamas.

A infeliz criança, estando brincando na sala de jantar, aproximou-se a uma luz e, incendiada a roupa que vestia,

poucos minutos depois, já era um cadáver, apesar dos esforços que fizeram por salvá-lo.

Aquele menino era filho de José Luiz.

Terrível castigo do Céu, fatal coincidência!

Na noite do dia sete de setembro de 1836, José Luiz foi esbofeteado; na noite de sete de setembro de 1855, mandou tentar contra a vida de um cidadão; e, no dia sete de setembro de 1858, morreu vítima de um desastre horrível o inocente filho de José Luiz!

Apesar de não estarmos na época em que os filhos purgavam os delitos dos pais, todavia, cremos que a justiça divina não dorme e que, tarde ou cedo, o perverso reconhece, pelo dedo de Deus que lhe aponta, o quadro de suas atrocidades e recebe, desta ou daquela forma, a justa punição de seus crimes.

Desde aquele dia, José Luiz perdeu inteiramente a razão e há dias que os acessos de sua loucura são furiosos; apesar disso, o governo central, tendo conhecimento de todos os passos da sua vida, nomeou-o ultimamente major ajudante do comando superior.

.....

O ano de 1858 estava prestes a terminar sua carreira, o grão de areia da ampulheta do tempo ia cair, o céu da Atalaia da Fronteira estava radiante com toda a sua magnífica pedraria e a Lua semelhante a uma pérola no meio de círculo de

brilhantes alumia com sua luz de prata o calmo e límpido rio.

Grande número de iates balançava ali suavemente.

A nova Vila de Artigas, essa guarda avançada da república vizinha, repousava tranquila e adormecida sobre as quietas e arenosas margens do termo de Jaguarão.

Era meia-noite, quando um homem passeava aceleradamente pela beira do arroio. Estava desinquieto.

Era José Luiz que, nos seus acostumados acessos de loucura, ia desabafar seus remorsos com os seguintes versos de F. Gomes Amorim.

Deus tenha dó dele e lhe perdoe, como nós lhe temos já perdoado!

Eis o cântico predileto de José Luiz:

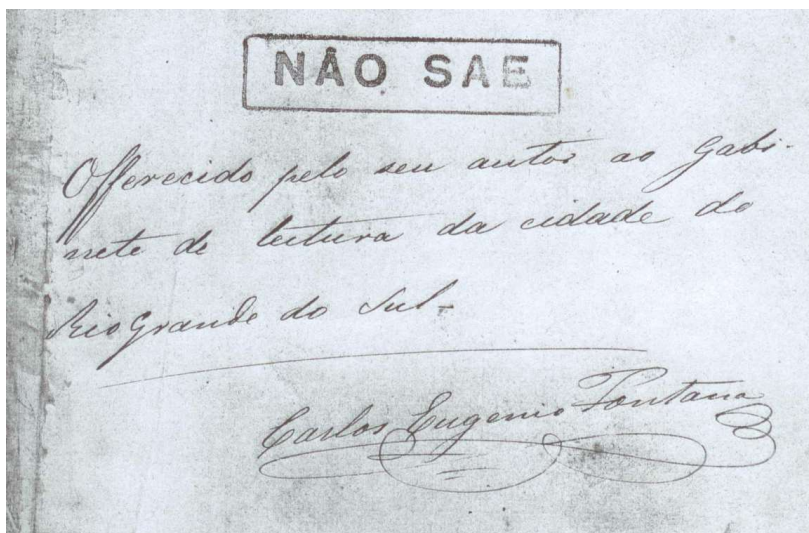
Sou assassino, manchado
Com sangue de meus irmãos!
Foi o meu nome riscado
Da lista dos cidadãos!
Sim, matei, que importa agora,
Se o remorso me devora,
Se fui infame ou feroz?
Bebi sangue, saciei-me,
Que importa se fui atroz.

Tive amores, tão viçosos
Que outros assim nunca vi!
Por negros olhos formosos.
Negros tormentos sofri!
Tornei-me vil assassino,
Hei-de cumprir o destino,
Se de morrer, morrerei!
Deixo o meu nome manchado,

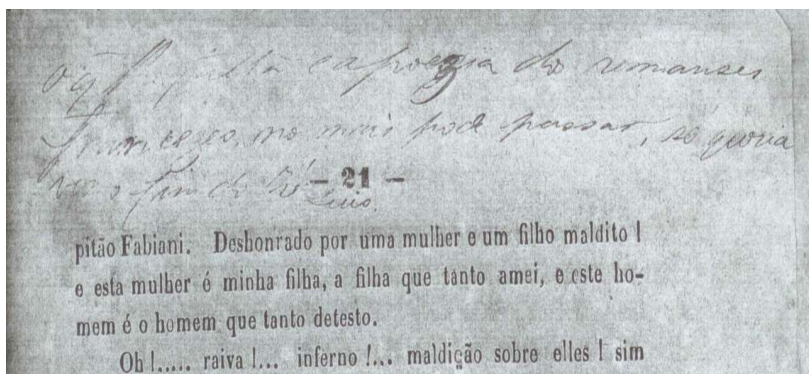
Qu'importa se sou malvado,
Hão de matar-me, matei!

Venha o carrasco, a sentença,
Eu matei, devo morrer!
Mas tenho aqui dentro a crença
De que hei no crime viver!
Os homens não podem nada
Tenho na morte a luz
Se sou na Terra proscrito;
Como já sou filho maldito
No Céu, ampara-me a cruz.

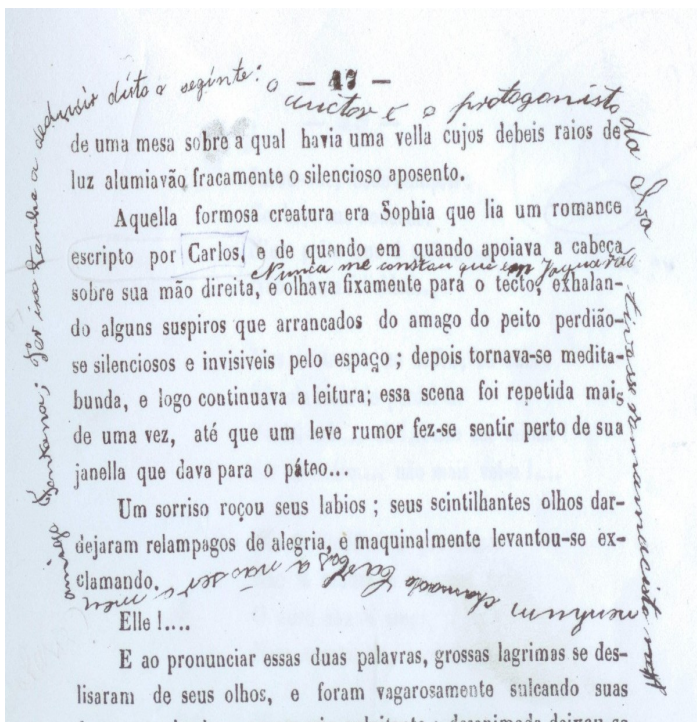
IMAGENS



Reprodução da dedicatória do exemplar da Biblioteca Rio-Grandense




Reprodução da página 21 do exemplar da Biblioteca Rio-Grandense



Reprodução da página 47 do exemplar da Biblioteca Rio-Grandense, com a escrita de um leitor do século XIX.

Diario do Rio Grande --- Terça-feira 11 de Agosto de 1896

 <p style="text-align: center;">CONVITE</p> <p>Esposa, filhos, noras, netas e mais parentes convidam as pessoas de sua amizade e do sempre chorado esposo, pai, sogro e avô</p> <p style="text-align: center;">Carlos Eugenio Fontana</p> <p>acompanham o feretro da casa á rua Yutaby n. 112, á sua ultima morada, hoje, ás 4 1/4 horas da tarde. Antecipando sua gratidão.</p>	<p style="text-align: center;">MUDANÇA</p> <p>Anacleto José de Oliveira participa ao publico que mudou a sua residencia para a rua General Bacellar n. 241.</p> <p style="text-align: center;">3-1</p> <p>Sapatinhos e borzeguins</p> <p>para criancas, a todo o preço; chinellos de tapete e de liga ou trança a 28000 cada par no deposito de calçado estrangeiro</p> <p style="text-align: center;">A Botina de Ouro</p> <p style="text-align: center;">Acabou-se</p> <p style="text-align: center;">A</p> <p style="text-align: center;">TINTA DE MARCAR BOTIPA</p>	<p>Mme. Justine Ser Modiste Parisienne RUA MARECHAL FLORIANO 136</p> <p>Padaria á vapor</p> <p style="text-align: center;">DE MARTINS, QUIROZ & C.</p> <p>Ora até que afinal está o publico orientado da generosidade dos nossos collegas, ainda mesmo que em seus extensos annuncios não se tenham dignado informar os preços por que vendem os artigos de suas padarias.</p> <p>Nós que no intuito de favore-</p>	<p style="text-align: center;">CORÔAS PA</p> <p style="text-align: center;">Esplendi</p> <p style="text-align: center;">RECEBEU</p> <p style="text-align: center;">VAZ</p> <p style="text-align: center;">TELEPI</p> <p style="text-align: center;">Sobretudos</p> <p>para creanças, rapazes e homens, tem um grande sortimento de di-</p>
---	---	--	---

Recorte do jornal *Diário do Rio Grande*, 11 de agosto de 1896

Carlos Eugenio Fontana — Nasceu na cidade de Pelotas, provincia, hoje Estado do Rio Grande do Sul, a 4 de novembro de 1830. Por causa da guerra civil que ateou-se em sua provincia em 1835, ainda criança foi com sua familia para o Rio da Prata, fez parte de seus estudos em Buenos-Aires, e voltou á patria em 1853. Nomeado official da mesa de rendas provinciaes do Rio Grande, serviu por espaço de seis annos o cargo de guarda-mór e exerce ainda um logar na mesma repartição. Cultivando as lettras, dedicou-se ao jornalismo, sendo os primeiros ensaios de sua penna publicados em revistas de Montevidéo sob o pseudonymo de Anna Rosa Flecont, anagramma de seu nome, e fundando na fronteira o

— *Commercio do Littoral*, 1853 — E' um periodico escripto em castelhano e portuguez, o primeiro que se publicou na campanha, quer oriental, quer da provincia; mas que viveu pouco por falta de recursos. Redigiu depois:

— *El Fanal*: periodico — que se publicou em a fronteira de Jaguarão. Assumi depois a redacção do:

— *Imparcial*. Jaguarão, 1857 — No anno seguinte tomou parte na redacção do *Echo do Sul*, com o qual passou para o Rio Grande; tem collaborado finalmente em outros periodicos como o *Diario do Rio Grande*, o *Artista* no qual estão publicadas suas « Scenas da vida » em 1868, e a *Arcadia*, e escreveu:

— *O homem maldito*: romance. Rio Grande, 1859.

— *Apontamentos* historicos, topographicos e descriptivos da cidade do Rio Grande desde o descobrimento da provincia e sua fundação até á presente data. Rio Grande, 1867 — Sobre este assumpto, isto é, sob o titulo « O progresso da cidade do Rio Grande » publicou varios artigos em 1883.

Dados biográficos sobre autor (BLAKE, 1970, v. 2, p. 64)

Referências

DIÁRIO DO RIO GRANDE. 11 ago. 1896.

FONTANA, Carlos Eugênio. *O homem maldito*. Rio Grande: Tip. *Eco do Sul*, 1858.

O POVO. Rio Grande, jan. 1856 a dez. 1858.



RIO GRANDE

2023

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP: 96203-900
editora@furg.br

O HOMEM MALDITO

romance brasileiro

O *homem maldito* – romance brasileiro, de Carlos Eugênio Fontana (1830-1896), foi publicado pela Tipografia do jornal *Echo do Sul*, na cidade de Rio Grande, em 1858 e é considerado – pelos dados obtidos até o presente momento – o primeiro romance de um autor gaúcho publicado na cidade rio-grandina e um dos pioneiros da produção em prosa de ficção no Rio Grande do Sul.

Antes de *O homem maldito*, sabe-se apenas da publicação dos romances *Divina pastora* (1847, reeditado em 1992) e *Corsário* (1851, reeditado em 1979), ambos de Caldre e Fião, e do romance *Um defunto ressuscitado* (1856, reeditado em 1974), de Carlos Jansen.

Dessa forma, poder reeditar e divulgar este romance, depois de mais de 150 anos de sua publicação original, é uma oportunidade única de promover a obra de um autor local, além de ser um importante passo para entender o início da prosa ficcional sul-rio-grandense.

ISBN 978-65-5754-212-5

